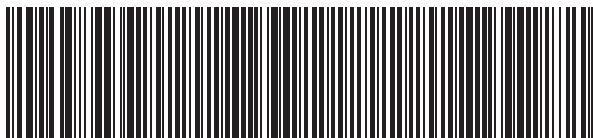


prosa & verso



Oscar Krost



2024

Copyright © 2024

PROSA & VERSO

Todos os direitos reservados.

Tiragens impressa e eletrônica protegidas pela Lei n. 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais), ficando expressamente autorizada pelo titular da obra a distribuição e o compartilhamento da versão digital (e-book) sem qualquer custo, assegurada a identificação da autoria.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Diagramação
AmoLer Diagramações
www.amolerdiagramacoes.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes -
CRB-8 8846

K93p Krost, Oscar.

Prosa & verso / Oscar Krost. – 1. ed. – Blumenau, SC:
AmoLer Editora, 2024.

208 p.; 12 x 16 cm.

ISBN 978-85-7172-167-8.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Prosa. 4. Verso. I.
Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.91
CDU 82-1(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: poesia / prosa.
2. Literatura: poesia (Brasil).

VIAS TRANSVERSAS





Apresentação

Quando Oscar me convidou para escrever a apresentação de um de seus dois novos livros, escolhi de forma imediata um deles quando ele disse: “é uma história”.

Gosto de ler histórias se desenvolvendo e acompanhar como os personagens vão se encontrando.

Confesso que fiquei intrigada pelo nome do livro e isso também influenciou minha escolha.

Eu descobri, como você também logo irá (e este é o único spoiler que será dado), que os personagens não têm nome.

Além disso, os personagens não se apresentam com dados como: nome da mãe, última música que ouviu, cor de seu peixe, brincadeira preferida na infância.

Então, como eu poderia apresentar um livro de personagens que não se apresentam **em** detalhes?

Avisando a você, leitor(a) que os personagens se apresentam **nos** detalhes.

Oscar te convida a ler nas entrelinhas para compreender como as histórias não lineares de seus personagens se entrecruzam em suas linhas.

“A existência é realmente cheia de vias transversas” (p. 119).

A existência de “Vias transversas” é proposta de encontro entre o autor e você leitor(a).

Viviane Vidigal,
03 de setembro de 2024.

Sumário

CAPÍTULO 1

UM	9
UMA	10
ELE	12
ALGUÉM.....	14

CAPÍTULO 2

ELOS	16
------------	----

CAPÍTULO 3

LAÇOS	25
-------------	----

CAPÍTULO 4

NÓS.....	34
----------	----

CAPÍTULO 5

VÍNCULOS	42
----------------	----

CAPÍTULO 6

TRANSPARÊNCIA.....	49
--------------------	----

CAPÍTULO 7

INTERSECÇÕES	57
--------------------	----

CAPÍTULO 8	
QUESTIONAMENTOS.....	63
CAPÍTULO 9	
ENTRADAS E SAÍDAS.....	75
CAPÍTULO 10	
COLISÕES	84
CAPÍTULO 11	
ECLIPSE.....	91
CAPÍTULO 12	
DIALÉTICA.....	95
CAPÍTULO 13	
ENFRENTAMENTO	101
CAPÍTULO 14	
CORRENTEZA.....	107
CAPÍTULO 15	
RETORNO	112
Bibliografia.....	120

CAPÍTULO I

UM

O dia havia sido terrível, no padrão dos últimos meses. Não sei como ainda suporto. Um paciente depois do outro, consultas a cada 20min e, entre elas, alguns retornos. Queixas sobre queixas. Dores nos ossos, nos músculos e, principalmente, na alma. Maridos desinteressados, filhos ingratos, esposas cansadas e por aí afora. Não bastasse meus próprios problemas, tinha que ouvir e me segurar para não interromper as lamúrias desse povo. Não consigo mais prestar atenção ao que resmungam. Respiro fundo, peço a atenção do paciente e diagnostico uma patologia qualquer, com nome complicado, ao mesmo em que prescrevo um analgésico. Não que todos precisem. Pelo contrário. Mas aten-

ção de médico só vem por receita ou requisição de exame. Sem isso, “não presta”. Finjo sorrir e me importar. Ergo-me da cadeira e, com uma das mãos no bolso, aperto uma bolinha de borracha e me dirijo à porta. Maldita hora em que inventei de aceitar convênios! Já eram quase 18h e ninguém na sala de espera. Tiro o jaleco, lavo as mãos e me olho no espelho. Estava péssimo. Cara de “acabado”. Pego minhas coisas, me despeço de Margot, a secretária, e vou para casa. Atravesso a rua e sigo margeando o rio, que corria devagar. A água estava dourada pelo reflexo dos últimos raios de sol daquela quarta-feira fria de outono.

UMA

O cair da noite, que para uns era o fim do dia de trabalho, para mim, é um aviso de começo de expediente.

Ganhar a vida com salário-mínimo e carteira assinada, sem o segundo grau, é uma piada

de mau gosto, castigo por alguma coisa que fiz em outra vida. Só pode.

Tentei fazer faxina, pelo dinheiro e facilidade de horários, mas também não me acertei. Era olhada de cima a baixo pelas donas das casas e de baixo para cima pelos maridos delas.

Uma ou duas limpezas depois, no máximo, e ouvia que não precisava mais ir, por uma desculpa qualquer. Tinha vezes que eu mesma desistia, de tanto abuso de uns homens “sem-vergonha”, tipo bicho no cio. Que nojo! Tarados do caralho!

Acabei na noite. Não faço, nem nunca fiz programa. Nem tiro a roupa. Sirvo bebida, trabalho no caixa e até ajudo na cozinha. Nunca fui santa. Gosto de trepar e de sacanagem das boas, mas quem não gosta? Mas não por grana. Não sou puta.

Com esses bicos, me viro e consigo o que preciso pra viver. Nada de luxo, mas sem aperto. Em alguns meses, até sobram uns cobres que guardo na boa.

Confiro o batom e pego a bolsa. Descansada e pronta para mais uma madrugada. Com sorte, ainda me divirto, pela animação das colegas ou só de ver o pessoal “chegando” uns nos outros.

Me vou! A pé mesmo, acompanhando o rio, por causa da iluminação e do movimento. Em 5 minutinhos estou lá.

ELE

Pássaros, árvores, sol. O que mais alguém pode querer em uma manhã fresca que mal começa? Uma verdadeira dádiva!

Como viúvo, aposentado e cheio de saúde, modéstia à parte, não tenho grandes dilemas. No máximo, preciso decidir entre ir ao parque encontrar amigos ou sair com um dos netos ainda pequenos para brincar. Nem sombra das preocupações que assolam a maior parte da humanidade.

Moro sozinho, sou independente e não dou trabalho a ninguém. Minha única filha tenta me

monitorar 24h. Não há semana em que não me obsequie com uma bugiganga nova e que me obriga a usar. Telefone celular, notebook, tablet, smartphone... o arsenal é enorme e a lista, sem fim.

Daqui a pouco, se eu não impuser limites, acaba tentando me prender uma tornozeleira eletrônica, tipo aquelas dos prisioneiros em regime semiaberto dos filmes. Bip, bip, bip...

Ainda é cedo para ir ao parque. Apenas eu, em todo o bairro, devo estar acordado. Fora o pessoal que trabalha na portaria, segurança, limpeza, enfim, os pobres “terceirizados” que carregam o peso maior no lombo e nem ao menos têm nome, rosto ou idade. Uma vergonha! Sou do tempo em que o grande orgulho de alguém era ter registro em carteira. Hoje, a coisa parece virada do avesso.

Vou esticar um pouco o esqueleto e tirar o mofo das juntas. Uma voltinha na quadra, para não abusar da carcaça e pronto: café da manhã na Padaria do Antônio, compromisso sagrado de todo dia.

ALGUÉM

Puta que pariu! Que saco!
Se estudo, preciso sair pra pegar sol.
Se ninguém me vê lendo sem parar, tenho
que diminuir o tempo na internet.

Escolher o que vestir dá pegação de pé e
aviso de minha mãe: “vaidade é pecado!”

Enfiar a primeira coisa que vejo no armá-
rio é falta de amor-próprio.

Fico na minha e já ouço daquela louca e do
chato do meu pai que pareço “bicho do mato”.

Ponho o nariz pra fora de casa e viro “sem
rumo”.

Porra! Que mundo merda! Parece que só
tem doido de pedra. Difícil não pirar também...

Pra piorar, não tenho muita certeza sobre
o que gosto. Coisa de gente da minha idade, ge-
ração “Y”, sei lá.

Tô numa “vibe” de provar os lances, tá
ligado?

Ficar, beber, fumar, dançar, viajar, o que

quierer encarar.

Tô nem aí se me chamam de bi, “vida loca” ou a porra que o valha.

Foda, mesmo, é ter que ficar dando curva nos velhos pra não ir naquela droga de culto todo o sábado. Quanta baboseira!!!!!!

CAPÍTULO 2

ELOS

Depois de um banho, nada que preste na TV. Só bandalheira e desgraça barata. Cedo demais para deitar, mas não para uma volta e algumas cervejas. Ver gente, ouvir alguma piada. Qualquer coisa é melhor que ficar sozinho nesse mausoléu. Tenho que seguir em frente, carregando ou não a culpa nas costas. Ela detestaria me ver assim, à deriva. Se não fizer algo por mim, que me mexa em respeito a quem não tem mais escolha. Um dia inteiro de gente pedindo atestado para faltar no trabalho deve me dar direito a um pouco de prazer e paz. Ainda mais em uma quinta-feira. *Jeans* e camiseta, o *All Star* guerreiro de sempre e bora pro bar. Até as 22h, cada pedido vale o dobro.

* * * * *

Nunca presto muita atenção nos clientes, pois minha mãe sempre dizia: “onde se ganha o pão, não se come a carne”, além de não ser do meu feitio. Nunca me esqueci.

Há pouco, entrou um cara diferente, estranho. Estava sozinho. Boa pinta, meio largadão. Bebeu, quase nem olhou para os lados. Não “deu bola” pra ninguém.

Bonito não é, mas tem uma coisa que me chamou atenção. Jeito triste. Que estilo. Mexeu comigo. Não entendi direito.

Sei que parece papo de “piriguete”, “tipinho” que me dá pavor só de imaginar, mas fiquei tão curiosa por ele que sempre que posso dou uma olhada ou passo perto para tentar descobrir alguma coisa.

Não consegui nada, fora saber que o bicho cheira bem.

* * * * *

Sexta-feira, 7h30min, todo mundo babando de sono, e essa maldita professora sorrindo. Qual a graça? A “mala” falou toda animada que hoje vamos ter visita.

Ninguém disse nada, nem perguntou. O que ela queria? Que a gente se abraçasse e começasse a pular e a cantar? Vai se f...

Meio “pegadinha”, mal deu uns minutos e o figura entrou na sala.

“Bom dia!”, disse ele, não sei como, faceiro que só.

Ninguém acreditou no que viu. Não era um cara velho, mas muuuuuuito velho! Devia ter uns 80 anos. Talvez mais. O que essa múmia veio fazer aqui a essa hora da madrugada? Puta merda... ferrou.

Era um “tiozão”, ex-professor da Federal. Parece que deu aula pra nossa professora por lá. Filosofia ou sociologia, não entendi bem. O velho era crânio, pelo que pude “pegar”.

O mais bizarro veio depois. Passado o susto e até um pouco de raiva da gente ter que

ficar ali sentado, ninguém tirou o olho dele. O louco falava “super” bem. Fácil, até. Tentou usar umas gírias da galera. E ainda por cima, era engraçado pra cacete.

Nunca vi a turma tão ligada. Se não tivesse lá, não acreditaria. Até a professora parecia chapada. Só me dei conta de quanto a coisa tinha sido forte, quando ouvi o cara dizer: “gente, foi muito bom, mas meus dois períodos com vocês estão acabando... alguma pergunta?”.

O quê? Ele falou por quase duas horas sobre um monte de coisa esquisita e complicada, mas que todo mundo entendeu e ninguém interrompeu, saiu para ir ao banheiro ou dormiu? E assim que ele disse isso, o que se ouviu foi aquele blábláblá de todo mundo ao mesmo tempo, só dando para entender um “aaaahhhh”. Fala sério!

Antes de ir embora, ele escreveu no quadro seu *e-mail*, para qualquer coisa que a gente quisesse saber. Explicou que não ia deixar o número do WhatsApp, pois só de lembrar de quem

chamava de “zap”, ficava roxo de raiva e desistia de usar essa “parafernália”. Todos riram. Além de bom de papo, ele sabia fazer rir, coisas impossíveis de estarem juntas em alguém caquético.

* * * * *

Eram quase duas horas, e, por uma dessas leis que a gente não sabe de onde vêm, por ser dia de semana, o bar tinha que fechar. Coisa a ver com silêncio pros vizinhos e sei lá mais o que. Tanto faz.

Além de mim, do caixa e de um garçom, ainda tinha dois clientes sentados. Uma mulher sozinha, que não parava de olhar o relógio e beber como doida, e o cara estranho que me chamou a atenção.

Dava pena de ver que ela ainda esperava por alguém àquela hora. Não vinha. Tinha levado o bolo. Aceita que é melhor. Vai pra casa e chora o que tiver que chorar. Mas não ia ser eu que ia dizer isso. É trabalho de garçom, sem querer ofender!

Mesmo sem me pedirem, fui até o esquísito avisar que estávamos por fechar e saber se queria mais alguma coisa. Pra minha surpresa, respondeu: “já sei, mas o que gostaria não tem por aqui... ”

Virou o último copo de cerveja, pegou a comanda e se levantou, indo direto para o caixa. Nem me olhou. Morri de curiosidade para saber do que ele tava falando e não me segurei. Fui pra frente dele, quase esbarrando e perguntei — Como poderia saber se não me dissesse?

Ele riu. Disse que paz não se vendia em lugar algum e que não me preocupasse, pois já estava de saída. Não sei o que me deu, mas falei que eu também, em coisa de uns 10min. Se ele quisesse, a gente podia conversar um pouco. Nada demais...

O cara botou um cigarro na boca, não respondeu nada e me deixou no vácuo. Pagou a conta e se foi. Senti raiva, vergonha e vontade de correr atrás dele e dar um tapa na cara. No final das contas, fiquei parada.

Além de perfumado, era charmoso e atormentado. Misterioso e interessante. Não consegui pensar em outra coisa aquela noite. Custei a pegar no sono. O negócio era não encanar e torcer pra ver se um dia ele voltaria.

* * * * *

Já tinha uns três dias que o coroa tinha falado com a gente e o pessoal ainda se pegava lembrando de algo que ele tinha dito ou comparava com os professores que quase nos matavam de tédio.

Tipo, “que nem o senhorzinho disse” ou “se fosse ele, dava um jeito de fazer a coisa ser legal”. O figura deixou marcas. Menos mal que não foram só em mim.

Não vou mentir. Fiquei com muita vontade de escrever pra ele. Mas nem sabia o que falar. Tinha medo dele não responder ou de rir da minha cara. Se alguém da turma ficasse sabendo, então. Só de pensar, gelei.

Quer saber? Danem-se. Tô querendo, vou fazer. Se não der, não deu. Mas ficar só pensando é que não tem como. Depois da aula, vou pra casa, almoço e enquanto descanso, penso em algo. Jura... já tô pensando agora mesmo... que aula de trigonometria que nada... blergh!

O que eu queria perguntar naquele dia, mas não rolou, pois a galera ia zoar ou o cara nem ia conseguir, era se esse lance de mundo das ideias, mundo dos fatos, coisa platônica, pode servir para entender as coisas que a gente sente e não consegue por pra fora. Tipo: eu nasci uma coisa, nunca tive problema com isso quando criança. Mas fui crescendo e olhando pra meninos e meninas, me deu um nó na cabeça, pois tudo parecia tão legal. Será que eu era uma aberração?

Ainda não transei, mas sonho direto que tô entre um cara e uma garota, pegando aqui, beijando. Quando a coisa fica boa, do nada, minha mãe aparece e acaba com tudo... AAAAAAHHH! Que droga. O tiozão vai me achar perversão

total. É capaz de ir até a escola me acusar de assédio sexual. Vai dar merda. E se ele for um taradão e resolve querer me “carcar”? Todo dia tem notícia disso na internet. Até de gente que prende no porão e fica anos sacaneando.

CAPÍTULO 3

LAÇOS

Nada como uma boa espreguiçada para começar o dia, esticando o corpo todo até alcançar as ideias. Nada de sol, mas parece que não vai chover. Estranho.

Onde terei deixado meus óculos? Aqui, no lugar de sempre. Creio estar mais do que na hora de marcar uma consulta com o oftalmologista.

As lentes parecem fracas, sem foco. Estou em uma idade em que os anos não correm: galopam e a trote veloz! Não há de ser nada, apenas a tal “obsolescência programada”.

Que barulho foi esse? Ah! o alerta do computador. Chegou *e-mail*. **Remetente:** não conheço. Com certeza mais um daqueles tantos vírus devastadores. **Assunto:** palestra do ensino médio. Talvez não.

Deve ser um dos alunos com que conversei na semana passada. Muito atentos, porém tímidos e inseguros. Nenhum deles se expôs, cabendo à professora, minha eterna monitora, ao final e por gentileza, fazer algumas perguntas para não quebrar o protocolo.

Vou arriscar. Se não abrir, posso deixar de ajudar alguém. Mas caso seja, de fato, vírus, basta não “mexer” nos anexos. Demorei, mas aprendi. Afinal, sou velho, mas ainda no gozo de plenas faculdades mentais.

Clicar e... pronto! O que virá?

Professor,

Desculpe incomodar. Nem sei por onde começar.

Gostei muito de sua palestra na semana passada na escola. Mais do que o que foi dito, me impressionou muito seu jeito de dizer. Nunca alguém mais velho, sem querer ofender, pareceu tão interessado na gente, no que pensamos, sentimos e nos considerou dessa maneira.

Resolvi escrever. Senti que posso confiar em você.

Não sei se vai conseguir lembrar de mim. Estava na terceira fila, perto da janela, cabelo comprido, liso e preto.

Tenho dúvidas sobre várias coisas, até mesmo sobre quem realmente sou. Isso é normal para minha idade, já que a filosofia deve ajudar as pessoas a se entender e a explicar o mundo em que vivem, segundo o que lembro de você dizer?

Sei lá... acho que tô pagando mico de perguntar isso a alguém que ouvi por uns minutos e nem ao menos tenho certeza de que lembra de quem eu sou. Se tiver alguma coisa para eu ler ou procurar na internet e que possa me ajudar, valeu.

Puxa vida, que consulta complexa de ser feita pelo computador! Mesmo fora dele, cara a cara, já seria difícil. “E agora, José?”

Respondo? não respondo? falo com a professora antes? Não sou psicólogo. Tampouco conheço minimamente esses jovens. Mas como

educador e cidadão, sinto-me no dever de dar uma palavra como alguém mais experiente. Vou pensar um pouco. Qualquer que seja a resposta, deve ser fruto da boa e velha reflexão.

* * * * *

6h! Muito cedo para me levantar. A primeira consulta é só às 8h30min. Dormir de novo, também não consigo. Vou ficar um pouco mais na cama.

Tenho bebido demais. Pelo menos foi coisa boa, já que não tive nada de ressaca. Cada noite, um novo point. Não repito lugar, para não virar “figurinha carimbada”. Muito chato ficar conhecido e ser chamado pelo nome por qualquer um dos garçons e depois, ouvir “o de sempre?”

Sai. Nada importante, mas aquele interesse da garota do bar me deixou cismado. A cara com que veio falar... sei não.

Não era cantada, nem golpe. O que ela queria? Se voltar lá, será que ainda lembraria de

mim ou foi compaixão por bêbado que fica até ser varrido do salão?

Não lembro muito a fisionomia, a não ser os olhos e a boca... olhar vivo e instigante e um sorriso desenhado. Que voz... suave e rouca, mesmo falando baixinho.

Talvez soubesse quem eu sou, pelas fotos do jornal ou na internet, “viralizadas” na época do acidente. Ou não, seu paranoico! Vai que se atrai por corações solitários?

6h30min. Ducha. Dependendo de como for a “romaria” ao padroeiro das dores de coto-velo, volto àquele boteco pra tirar a limpo essa história. Vai que a sorte lembra que existo?

* * * * *

Será que ele recebeu meu *e-mail*? E leu? O que achou? Vai responder? Deve pensar que sou idiota ou besta... deve estar rindo às minhas custas. Eu também riria, né?

Depois... ops! Mensagem recebida. É dele!

professor@sabeselaoque.com.br

O que será que disse... abre logo...

Com grande felicidade recebi sua mensagem. O retorno por ter falado para vocês foi muito gratificante, mas confesso surpresa em ter conseguido tocar mais a fundo alguns e algumas ouvintes, pois o objetivo que temos do lado que costumo ocupar na sala é provocar a reflexão sobre perspectivas até então não consideradas.

Falava e escrevia bonito, mas de um jeito que até dava pra entender. Não era como aqueles livros do século passado que todos os anos a escola nos obrigava a ler em literatura brasileira, cheio de firulas e palavras esquisitas.

Ao mesmo tempo em que seu questionamento me encheu de orgulho, pelo canal que se abriu entre nós, de outro, não pequena se apresentou a responsabilidade por assumir um papel de guia em sua busca por respostas a perguntas do cotidiano.

René Descartes, filósofo, matemático e físi-

co francês do século XVII, disse que bom senso é uma coisa que todos acreditam ter na medida certa, nem mais, nem menos. Será? Todos sabemos a dosagem precisa de remédio a ministrar para cada moléstia? A insuficiência nada causa, enquanto que a medida certa tende a curar. Já o excesso... prejudica e, até mesmo, pode matar.

O que quero dizer com isso? Ninguém melhor do que nós mesmos, com dúvidas, confusões e problemas, para saber do que gostamos, queremos e repudiamos. A questão é chegar ao autoconhecimento. Algo difícil, mas necessário. Os outros fazem vagas ideias sobre nós, versões, visões. Já o substrato real, corpóreo e incorpóreo, só “a gente”, como vocês, jovens, costumam dizer, realmente conhece.

Somos parte do que herdamos de nossos pais, principalmente nos quesitos físico e genético, um pouco do meio que nos cerca (amigos, vizinhos, parentes e conhecidos) e o restante vem de escolhas ou, como alguns

preferem, do livre-arbítrio. O modo de utilizar esta liberdade, ainda mais na adolescência, não é algo simples, embora desafiador e importante.

Converse com quem lhe cerca e em quem confies. Se tiver irmãos ou primos com pouco mais idade, ótimo. Não se aprende apenas com quem pensa como nós, mas, principalmente, com aqueles dos quais divergimos, nem que seja para sabermos o que não fazer. Poderia escrever mais dúzias de parágrafos, mas acredito não ser este o escopo de seu e-mail. Espero ter ajudado, ficando à disposição para outras trocas.

Fraterno abraço.

C-a-r-a-c-a-!-!-

Que soco no queixo! Vou ter que reler para não deixar passar nada, mas do que consegui “sacar”, o coroa me perguntou com toda a educação se eu não tinha espelho em casa!

Tem razão. Não posso ficar só ouvindo ou me preocupando com o que os outros pensam de mim, pois não me “leem” direito e viajam na

maionese. Eu que convivo comigo desde sempre não entendo o que sinto, quero ou faço. Só depois da besteira completa é que a “ficha cai” e me toco que já era.

Amigos? Colegas? Pais? Não tem como conversar com esse povo. Vão me zoar ou, no caso dos velhos, me obrigar a ir ao culto ou a um psicólogo. Melhor não arriscar. Primos e irmãos? Só caretas, coxinhas, manés. Gente quadrada ao quadrado. Tô em outras.

Será que posso “responder a resposta” do *e-mail*? Devo? E se me mandar longe, lembrando que não é padre para ficar ouvindo confissão? Só tem um jeito de saber: escrevendo.

CAPÍTULO 4

NÓS

Chegando ao bar, fui para um canto onde pudesse ter uma visão completa do salão. Ela não passaria sem que eu notasse. Pouco depois, lá estava o motivo da quebra da tradição de não repetir lugares.

Nem precisei pensar em como chamar atenção. Logo me notou. Primeiro, fingiu não ver. Foi para o lado oposto até me encarar. Não soube o que fazer ao ser “correspondido” dessa forma. Sem pensar, já que estava quase ao fim do primeiro copo, fiz um gesto para que viesse até mim. Nada que desse “bandeira” demais, pois estava com um *palmtop* nas mãos e vestia um avental como o das demais atendentes.

Antes de sair da toca, fez um movimento com a cabeça para os lados, tentando saber se a chamada era para si, ao que não me contive e sorri. Para não deixar dúvidas, acabei a cerveja em um gole. Chegou perguntando, “pois não?”

Achei graça no formalismo, pois estávamos em um “boteco” pra lá de casual... consultei sobre o que recomendava para quem tinha acabado de tomar uma belga. Aparentando confusão, disse que pegaria a carta de bebidas.

Demorou uma eternidade, mas voltou com um ar ainda mais sério e concentrado. Enquanto folheava o cardápio, perguntei o que ela queria.

“Atender você”, respondeu, sem parecer crer nem um pouco no que dizia. Fui direto: “naquela outra noite, em que puxou papo e se ofereceu para conversar”. Respirou fundo, fez como se estivesse tentando recordar e disse: “olha só, estou em horário de trabalho. Meu serviço aqui é servir os clientes. Não sei o que me deu, mas achei você triste, diferente de todo

— | | —

mundo. Tentei ajudar. Pelo visto, já passou. Então, não tenho mais o que fazer. Já escolheu o que vai beber ou posso atender outras mesas?”

Sorri, conformado. Para não aumentar o constrangimento da moça, resolvi repetir a belga, não sem antes agradecer pelo interesse. Não me convenceu. Tanto faz. A noite estava apenas começando e algo me dizia que as coisas seguiriam outro caminho. Sem problema, não tenho pressa.

* * * * *

Ele respondeu! Respondeu!!!!!!

O que será que disse? Que medo de ter perdido a paciência e me dado um “corte” daqueles.

Vamos lá:

Pensei muito em sua mensagem e acho que podemos nos corresponder pela internet, debatendo os mais variados assuntos.

Entretanto, alguns temas, dadas suas parti-

cularidades, demandam outra abordagem, mais pessoal e, de preferência, com comunicação direta.

Quero dizer que se não parecer invasivo ou desrespeitoso, poderíamos nos encontrar para uma conversa frente a frente em algum lugar público, sobre o que tiveres interesse.

Não tenho muitos compromissos cotidianos, de modo que deixo a seu critério. Pode ser no parque central, em um café ou, até mesmo, em algum museu.

Prefiro, apenas, para evitar qualquer especulação ou constrangimento que não seja em lugares fechados, principalmente shoppings centers.

A seu dispor e até breve.

Quer me encontrar? É isso? Estranho, parece coisa de tarado. Mas eu também devo parecer uma daquelas figuras doidas que perseguem as pessoas, mandando *e-mail*.

Não sei explicar, mas a confiança que ti-

nha nele me dizia que era seguro. O cara parece honesto. Não tinha como me forçar a nada. Qualquer coisa, corro e saio gritando. Mas acho que não vou precisar. Onde a gente poderia sentar sem que ninguém encha o saco ou pense besteira?

E se chegar a hora e me der um branco ou uma trava daquelas e não conseguir falar nada? É tanta coisa ao mesmo tempo se revirando na minha cabeça. E se resolver me sacanear e contar para alguém o que eu disser pra ele? Tem isso, ainda por cima...

* * * * *

Que noite que parece não acabar nunca... por onde ando me sinto vista, vigiada, procurada. Menos mal que o expediente já acabou e que o bar está quase vazio. Parece que trabalhei por dias sem parar. Não que o pessoal não me olhe. A novidade foi ser observada por alguém que também me chamou a atenção.

Tarde demais. Vou pra casa tomar um banho, esfriar a cabeça e descansar um pouco. Não sei por que me meto nessas ciladas. Não aprendo!

São quase 2h30min. Até amanhã pra vocês também. Me despeço dos colegas.

Olho para o outro lado da rua, para saber se havia algum carro na pista, antes de atravessar. Levo o maior susto, quando ele, encostado em um banco, me pergunta calmamente se poderia me acompanhar até o meu “destino”.

Sorri, nervosa. Ele repetiu a pergunta, não parecendo se importar com o silêncio.

Disse, então, que seria a pessoa mais feliz do mundo se soubesse algo sobre o meu “destino”.

Ele entendeu na hora a piada e sorriu com o canto da boca, dizendo: “espirituosa. Gosto disso. Mas não respondeu o meu convite. Segue de pé“.

“Certo. Não vejo problema. Moro perto, coisa de duas quadras”.

Ele agradeceu. Estendeu a mão, dizendo seu nome. Aceitei e falei o meu. Mais à vontade, começamos a conversar. Contou que estava em um momento meio complicado da vida, sozinho e enfrentando alguns demônios; eu, que a brinca-deira sobre o destino era mais cheia de verdade do que poderia imaginar, pois tinha vindo morar na cidade em busca de oportunidades, para voltar a estudar e tentar ser “gente de verdade”.

O papo foi rolando gostoso, tipo “velhos amigos”. Cada um falou de si e, sem parecer intrometidos, perguntamos um sobre o outro. Quando vimos, meu apartamento que ficava a 5 min do bar, já estava há mais de 15 min para trás. Rimos e resolvemos esticar mais um pouco a conversa, caminhando pela margem do rio.

Seguimos, fizemos piadas e quando percebemos, o sol nascia. Passava das 6h. Ele se ofereceu para me acompanhar até em casa, pois tinha que se arrumar para trabalhar. Concordei. Ao chegarmos em frente ao prédio, a vontade que aquela madrugada não acabasse nunca mais

ficou bem clara. Mas não havia como parar o relógio e congelar o tempo. Então falei sem pensar: “gostei de te conhecer e de saber que aquela tristeza toda ficou para trás”. Ele concordou, confirmou minha impressão e, sem saber como agir, tirou as mãos dos bolsos e abriu os braços. Pedia um abraço?

Sem jeito, imitei o gesto. Não sei explicar o que senti. Talvez por não existir explicação. Pela primeira vez na vida, um simples abraço se tornou a coisa mais fabulosa do mundo.

Ouvi sua respiração profunda e o coração acelerado. Nos separamos e, ao mesmo tempo, dissemos um ao outro: “então tá, a gente se fala”. Abri a porta, entrei e fechei, bem rápido. Fiquei parada, lembrando tudo, quadro a quadro. Me dei conta de que não trocamos telefones. Nem sei onde encontrá-lo. Paciência. Se tiver que ser, será. Ele sabe onde moro e trabalho.

Depois de um tempo, ouvi seus passos se distanciando. Pelo visto, não fui só eu que fiquei no ar...

CAPÍTULO 5

VÍNCULOS

Cheguei cedo ao parque, 15min antes das 16h, horário combinado. O banco em que marcamos, próximo ao lago, estava desocupado. Menos mal. Ficar em pé, à espera de alguém, pode dar uma ideia errada do que fazia um senhor, como eu, àquela hora do dia em um lugar com tamanha circulação.

Sentei-me. Pouco depois, como se escutasse a voz de minha própria consciência, ouvi: “desculpe o atraso. Saí de casa em cima da hora e acabei não calculando bem o tempo”.

Virei para trás e percebi não ser o único, por minha maturidade, a preservar o hábito de chegar pontualmente a meus compromissos. Ri

e ofereci um lugar ao meu lado. Aceitou, bastante vacilante, e para “quebrar o gelo”, lhe disse:

— Sei que já nos vimos antes e que sabes diversas coisas a meu respeito. Mesmo assim, gostaria de me apresentar novamente, bem como os motivos que nos trouxeram até aqui.

Como não houve reação, prossegui e fui um pouco mais pessoal do que na conversa de dias antes, na escola. Quando terminei, esperei por algo e, não ouvindo absolutamente nada, perguntei:

— E você? Quem é e o que tem para me contar?

* * * * *

Passava quase uma semana daquela madrugada “estranhamente boa”. Minha vontade era de procurá-la já na noite seguinte, mas no bar não teria tempo para conversa. Depois do expediente, provavelmente estaria cansada. E quem garantiria que tudo o que poderia aconte-

cer, aconteceu, e eu estava só alimentando expectativas sem fundamento? Na dúvida, desisti. Não passei um dia sequer sem pensar naquele encontro improvável entre duas pessoas tão diferentes. Puramente simples, íntimo e tolo que, contando, nem eu mesmo acredito.

Senti como se fosse um reencontro, entre dois “alguéns” conhecidos que não lembravam um do outro. Daria qualquer coisa para saber o que ela sentiu. Saber se estou delirando. Como descobrir sem ir à fonte? Depois de tantos dias sem contato, ela deve achar que sou um cara como qualquer outro, que..., mas sou um cara comum... qual o problema, então, dela me ver desse jeito?

* * * * *

Falei um pouco de mim, ouvi o que ele tinha a dizer sobre sua vida e, do nada, já eram quase 19h. Tinha que voltar pra casa, já! Como foi bacana falar com aquele cara, sem ninguém mais por perto.

Não que eu tenha contado algum segredo ou contado coisas íntimas. Mas só de poder conversar com alguém mais velho, sem medo, valeu.

Acho que não enchi muito a paciência dele, já que pareceu à vontade, até se divertindo. Nos demos *tchau*, na boa. Agradeci e segui meu rumo, dizendo, ao olhar para trás: “qualquer hora podemos repetir”.

Ele concordou, levantando-se do banco com um pouco de dificuldade. Respondeu que sim, quando eu quisesse, e que também ia tomar seu rumo. Quando virei para trás, de novo, sei lá por que, percebi que ainda estava parado, olhando de um jeito estranho para um lado, depois para o outro. Não saía do lugar. Parecia desorientado.

Aquilo me assustou. Voltei e perguntei se estava tudo bem. Querendo disfarçar, respondeu que sim, mas que não lembrava de que lado ficava o posto da polícia, por onde tinha vindo. Respondi, apontando o sentido. Ele repetiu a pergunta. Entendi que não estava enxergando

bem. Indiquei, de novo, mas, dessa vez, pegando seu braço e virando o cara para o lado certo.

Meio sem jeito, me agradeceu e disse que era coisa de “velho”. Da próxima vez, fez graça, inventando que não esqueceria os óculos. Fingi entender como piada, mas não fui embora até saber que tinha acertado o passo, devagar, pro lado que queria.

Que merda! Uma cabeça legal, funcionando a mil, num corpo que já não presta pras coisas mais bobas. Esse negócio de vida é muito injusto e sacana. Ferra com todo mundo, uma hora ou outra. E às vezes, nem avisa. Essa “brincadeira” me tomou mais de 5min. Tinha que ir logo, senão era bronca na certa.

* * * * *

Nada daquilo aconteceu. Foi coisa da minha imaginação. Só pode. Um cara como aquele nunca iria atrás de uma “vira-lata” como eu, nem daria tanta atenção. Cinderela, “uma linda

mulher”, conto de fadas, só acontecem nas histórias e no cinema, não com uma “ninguém”.

Curtiu com a minha cara, só pode ser isso. Passou a hora e foi brincar com outra coisa. Não dei pra ele, perdi a graça. Tanto mulherão solto por aí. Por que perder tempo com uma garçonete de boteco? Idiota, burra, “cabeça de bagre”! Vê se te enxerga, ridícula!

Não dá pra entender nada, mesmo. Tudo parecia tão real. Pelo visto, se foi assim, foi só pro lado burro do papo... o meu! Se cruzar com ele de novo, não vou perguntar nada. Ignoro, finjo que nem conheço. Se pedir algo, dou um sorriso bem falso e sigo na minha! Não aconteceu porra nenhuma e eu já tô babando, quase lambendo os pés do cara. Isso não é carência. É trouxice da mais pura!

Até me fez lembrar um escrito que li dia desses, num papel colado no ponto de ônibus. Chamava “Amor”. Não sei quem escreveu. Na época, achei bobinho, mas agora caiu a ficha. Até tirei uma foto com o celular. Deixa ver... tá aqui:

Não existe O amor, mas amores.

*Amor de mãe, de irmão, de filho, de amigo,
de namorado..., Mas de todos eles, o único
que jamais pode ficar sem ser correspondi-
do, por ser a fonte de todos os demais, é o
amor-próprio.*

Ou seria melhor chamá-lo próprio amor?

Dor de cotovelo é um saco. Só tem um jeito de curar: bola pra frente e partir pra outra. Amanhã é um novo dia e um cara a ver comigo acaba aparecendo. Afinal, não tenho “canudo”, mas também não sou tão burra, nem feia. Sei o meu valor e não é um “Zé Mané” qualquer que vai me por pra baixo.

CAPÍTULO 6

TRANSPARÊNCIA

De hoje não passa. Além de não conseguir dormir direito, me foge o sono, tanto quanto me acuam os sonhos.

Cada paciente atendido, que antes parecia tentar me arrastar para seu mundo de dores e queixas, agora fala como um terapeuta à paisana capaz de ler meus sentimentos mais íntimos. Sinto-me exposto.

A fala das pessoas soa como um conselho, direto ou indireto, sempre sobre meu vacilo de ter deixado aqueles momentos da madrugada com ela esfriarem, se afastarem... e quem sabe, até morrerem...

Vez por outra escuto um incentivo, quando sugerem nunca ser tarde demais para come-

çar ou recomeçar importando a direção a seguir, não o ponto de partida. Autoajuda? Filosofia de botequim? Tanto faz. A cada colocação, acuso o golpe.

Enlouqueci? Vejo coisas onde não existe nada? Projeto meus desejos nos outros para não me responsabilizar por minhas péssimas escolhas?

Sei lá. Minha vontade continua a mesma: encarar os demônios do passado e focar nos desafios do presente. A sorte está lançada. À luta!

* * * * *

Que coisa desagradável. Tudo fluía tão bem e, justamente no final, a velhice tinha que me lembrar dos últimos grãos de areia que me restam na ampulheta do tempo. Devo ter deixado a impressão de ser mais um desses sofistas que vendem milhares de exemplares de “autoajuda”, mas fracassado. Do que adianta viajar no tempo e entender um pouco da mente de vários

gênios ao longo da história, se não tenho a menor condição de andar pelas ruas sem uma babá ou um cão de guarda?

Paciência. Espero, ao menos, ter apontado para algumas das infinitas possibilidades que a alma jovem tem diante dos olhos, embora insista em fitar os próprios pés, como se o universo fosse limitado a alguns passos. Como a pureza é bela! Tão pulsante, confusa e viva. Foi possível ver as muitas variações que se fundem em um ser em formação.

Há muito deixei a sala de aula. Meu contato com jovens é esporádico e por momentos breves. A cada geração, muitas coisas mudam, mas outras seguem universais. Percebi uma sensibilidade acima do comum para a idade, o que também se aplica aos graus de abstração e de crítica. Logicamente, clama por vivência e leitura para amadurecer, coisas que o tempo acaba trazendo por bem ou por mal.

Fiquei fascinado com as perguntas, comentários, conceitos. Espero não ter frustrado

suas expectativas. Fui até o parque na crença de poder ajudar e voltei com a certeza de precisar de ajuda. Vou marcar para ontem uma consulta com o clínico.

* * * * *

Ainda é quarta-feira e estou caindo pelos cantos de tão cansada. A semana foi cheia, mas o que tem me tirado o gás é não conseguir deixar de pensar naquela figura. Tão comum, mas, ao mesmo tempo, diferente demais. Eta, miolo mole! A fila anda, menina. Se toca. “Cabeça vazia, oficina do diabo” — já dizia minha vó. Então, que hoje eu possa trabalhar até não aguentar mais.

Acabo de me arrumar e vou pro salão, pois é hora de abrir. Que susto levo quando olho para as mesas e vejo que ele está sentado no mesmo lugar da primeira vez. Travei. Não sei se vou conseguir atender outros clientes. Viro e vou direto para o banheiro. Suo frio. Pálida é pouco. Estou completamente branca, o que não

é fácil para alguém com o meu tom dourado de pele. Lavo o rosto, respiro fundo e volto para a “linha de frente”.

Ele segue no mesmo lugar e me acena. Parece fazer um pedido. Tento parecer natural, vou até ele e pergunto o que deseja. Mal terminei a frase e ouço: “pedir desculpas por não ter feito contato antes”. Não acredito. Ainda assim, respondo, com um pouco de frieza: “desculpas aceitas. Algo para beber?” Nem eu acredito no que disse! Mesmo assim, parece ter dado certo. “Sim, um *chopp*, mas não vim aqui para isso. Queria ver você, conversar, qualquer coisa. Não durante o expediente. Espero até o fim da noite. Bebo algumas, deixo o tempo passar e quando o bar fechar, repetimos aquela caminhada noturna. Pode ser?”

Não me seguro. O sorriso escapa. Quando percebo, era tarde demais. Aceito, mas lembro que ainda falta muito para encerrar o turno. “Cavacos do ofício”, sussurra ele. Não entendo o que quer dizer, mas quem se importa? Não deve

ser nada ruim. Pego a bebida, com a respiração ofegante e com a certeza de que meu desejo de trabalhar até não aguentar mais ficou para trás. Essa seria uma longa noite de atendimento. Pelo menos alguém aqui não tem pressa... como consegue?

* * * * *

Fui atrás de vários nomes que o cara me recomendou. Estou completamente “fissurado”. Esse tal de Sócrates deve ter sido o melhor professor que existiu. Claro que o lance de “tudo que sei é que nada sei” era “migué” pra pôr a galera no vácuo. Mas não deixa de ser um golpe de mestre no povo metido que se acha. E olha que isso faz tempo demais. Devia ser crânio, tipo um hacker ou até mais.

Fora que não responder nada, que nem eu nas provas, devolvendo tudo em novas perguntas, desmancha qualquer “sabe-tudo”. Vou ter que procurar algo dele na biblioteca da es-

cola. Se não entender, vou pro “Dr. Google” ou escrevo pro professor. Não sinto mais vergonha. Acho que ele é o tipo de pessoa que não pensa mal dos outros, mesmo quando tem um monte de motivos.

O figura é gente boa. Só tá meio passado. Mais pra lá do que pra cá. Não da cabeça. No pensamento, parece mais novo do que todos os professores do meu ano juntos, mesmo tendo idade para ser pai ou vô deles. Cérebros assim não ficam velhos. Parecem conseguir acompanhar as coisas mais importantes e não se perdem em besteiras.

Por que meu pai e minha mãe, com a metade da idade, parecem não ser tão ligados? Será que se nasce com isso ou se aprende? E demora para conseguir? Se puder escolher, nem preciso dizer como quero ser...

No intervalo das aulas, vou atrás do tal de Sócrates, mas sem dar na vista. Senão morro de tanta zoação. Em casa, tento ver se também sei alguma coisa além de nada. Putz! Esse negócio

de filosofia é mesmo sério. Nem comecei a ler e começou a viagem. Ainda bem que ninguém me ouviu.

CAPÍTULO 7

INTERSECÇÕES

Engraçado como as coisas mudam a todo instante, bem em frente ao nosso nariz e raramente nos damos conta disso. A hora do fechamento do bar onde bebo nunca foi motivo de ansiedade, mesmo quando moleque e não tinha idade para esse tipo de coisa.

Estou aqui, sozinho em uma mesa, há horas, mas sinto como se fosse a pessoa mais em paz de todo o lugar. Entre um gole e outro, olho o relógio e procuro por ela, que em pequenos e rápidos passos cruza o ambiente por tantas vezes que nem consigo contar.

De vez em quando, me busca com os olhos e mal disfarça o sorriso. Também percebo que ela não para de olhar o relógio do fundo do

salão. Ao menos nisso estamos de acordo. Falta pouco, menos de 15min.

* * * * *

Puta que pariu! Esse cara era mais encarnado do que eu imaginava. Como assim saía pelas ruas perguntando coisas pras pessoas, sem cobrar nada, principalmente pros jovens? Dobrava qualquer um na conversa e morreu por não se desculpar por algo que não fez? Quer dizer, fazer, ele fez, mas não o que disseram que fez, nem daquele jeito...

Mandou bem demais. Botou a galera pra pensar e como isso não interessa a quem faz os outros de trouxa, se estrepou. “Desencaminhar a juventude”. Até parece papo de pai e mãe falando de Rock e Rap. Sócrates. Nome diferente, um pouco estranho. Já ouvi meu coroa comentar sobre um jogador de futebol que também se chamava assim e que morreu por esses dias. O pai dele deve ter escolhido em homenagem ao outro, o da Grécia.

“Discípulos”... palavra bacana. Um pouco metida. Será que é o que estou pensando? Sei lá. Não custa dar uma olhada no *Google* para não ficar achando besteira. “Substantivo masculino, aprendiz, aluno receptivo a ensinamentos. Sócrates ensinava a seus discípulos pelo método da maiêutica.” Meu! O cara foi tão fera que até o dicionário *on-line* usa ele como exemplo. Mas o que será esse “método da maiêutica”? Aí complicou.

Vou buscar mais sobre isso. Se não ficar claro, peço ajuda pro figura, por *e-mail* mesmo. Acho que me tornei um treco desses dele, já que na escola não me sinto assim... Nada a ver. Agora me puxei.

* * * * *

Antes de dar *tchau* pro pessoal, para não ficar muito na cara, mostrei a saída para ele com a cabeça, pra que fosse antes. “Sacou” na hora e correu até o caixa para acertar a conta. Fiquei enrolando por um tempo, conferindo a bolsa, me sentindo

idiota, pois como não mexi nela durante o trabalho, ou estava ali, ou tinha deixado em casa. Como fazemos besteira quando pensamos em outra coisa...

Sai. Fui direto ao lugar onde ele me chamou na outra madrugada. Estava lá, apoiado, do mesmo jeito. Ria como criança quando apronta. Perguntei qual era a piada, pois também queria rir. “Preciso mesmo contar? A vida toda é uma piada. Só não achamos graça por estarmos dentro da trama” — respondeu.

De quem é essa frase bonita? Leu em algum lugar e decorou?

“Não. É minha, mesmo. De um outro momento, mas deixa pra lá”.

Perguntei se queria andar para conversar ou se teria outra ideia. Não respondeu e, com as mãos nos bolsos, encolheu os ombros, desajeitado.

Não sou daqui. Conheço pouco a cidade. Não sei se a essa hora ainda tem alguma coisa aberta ou um lugar perto onde a gente possa sentar. “Então andamos, sem rumo. Se surgir algo diferente, seguimos. Pode ser?”

— | | —

Agora foi minha vez de dizer sim. Atravessamos a rua e deixamos o rio nos acompanhar. Pela calçada, devagar, como se isso pudesse diminuir a velocidade do tempo, margeamos o traçado das águas. Mesmo sem muita correnteza, parecia ter de sobra a pressa que nos faltava.

Andamos, rimos, falamos e tudo pareceu cada vez melhor do que na primeira noite. Não me segurei. Puxei o cara pra perto e abracei com tudo. Ele retribuiu. Deve ter durado minutos, já que quando me afastei ambos estávamos quentes e com o rosto vermelho. Parecendo não entender, me perguntou, “já?”

Devolvi a pergunta. “Já o quê?” Ele quis saber se eu iria embora. Ri e o chamei de tonto. Ficou sério e como não se deu conta, fui lá e dei um beijo. Parece ter gostado, pois além de retribuir, me abraçou forte.

Nos olhamos. Estávamos sérios. Ninguém dizia nada. Até que perguntei se ele era lerdo sempre assim ou se o problema era comigo? Riu, mas não respondeu. Tomei conta da situação e

perguntei se a gente podia caminhar mais um pouco, mas dessa vez para o meu apartamento ou para o dele, o que fosse mais perto.

Finalmente a ficha caiu! Ele disse: “tanto faz, já disse que não tenho pressa... ” Mas eu tenho! retruquei na hora... rimos, nos abraçamos e fomos pro meu “apê”, dessa vez em passos nada lentos.

CAPÍTULO 8

QUESTIONAMENTOS

Boas e más notícias, filha.

As más são que meu problema de visão está avançando, já não tão lentamente, sem nada que possamos fazer. Pela minha idade, o médico sequer considera a possibilidade de operar. Diz que os riscos são altíssimos e a chance de insucesso é enorme.

As boas? Que não surgiu nenhum problema novo e que não há uma estimativa de tempo para ficar cego. Ao menos, por enquanto. Ou seja, daqui para frente, como há algum tempo, tudo é lucro.

Não falar assim? Por que não? É a mais pura verdade. Sou apenas realista, nada além.

Pode deixar. Assim que tiver alguma novi-

dade nos exames de laboratório, aviso. Não, não preciso de nada. Estou bem. Sim, caso seja necessário, entro em contato. Sem dúvida, não há com o que se preocupar.

Boa noite! Também te amo.

Envelhecer, ao contrário do que muitos supõem, não é nada fácil. Vai além de suportar os efeitos deletérios do tempo sobre o corpo, nosso e dos que nos cercam. Trata-se de um caminho sem volta, de uma só mão, onde a única certeza é a surpresa de uma próxima armadilha. Desapego, paciência, sabedoria. Antes do fim, ainda pego o jeito.

Alerta do computador. E-mail. Vejamos.

Professor,

Boa noite. Lembra de mim?

Desde aquela tarde no parque, nunca mais nos falamos.

Mesmo assim, fiquei “afim” de ir atrás de coisas sobre filosofia.

Comecei por Sócrates. Pesquisei na inter-

net. Peguei uns livros na biblioteca e estou assistindo a várias coisas no YouTube, tipo “Café Filosófico” e entrevistas com caras da área.

Nem sei o que dizer... é muita coisa para saber. Quanto mais vou atrás, mais longe vejo que está o que quero. É assim, mesmo? Podemos nos encontrar de novo? Espero que esteja tudo bem. Abraço.

Que boa notícia, uma tábua de salvação em meio a um mar de desalento. Verei se tenho algo interessante para levar no próximo colóquio. Nada como uma mente inquieta e sedenta por aprender para injetar ânimo em um velho. Quantas saudades dos tempos de Centro de Ciências Humanas: política estudantil, debates, noites em claro... áureos tempos. Não voltam mais. Mas não esquecendo deles, já me dou por satisfeito.

* * * * *

Que consultório, que nada. “*Favor desmarcar as consultas da manhã. Não estou passando bem. Ficarei em casa*”, pronto. Mensagem enviada. Agora a secretária que resolva com os pacientes. “E os da tarde, também”, ok. Ficamos por aqui até voltares ao bar, à noite?

Combinado, então. Nem sei o que dizer. Há tempos não me sentia assim, tão leve, tão pleno, tão FELIZ! Ainda na cama, de onde dificilmente sairemos, ora abraçados, ora nos olhando em silêncio, ela perguntou, sem rodeios: “Pra mim também foi muito especial. Nunca poderia imaginar algo assim na minha vida. Não foi minha primeira transa, mas não posso mentir. Foi a primeira vez de várias sensações. Mas como alguém tão legal podia estar pra baixo daquele jeito, na noite em que ofereci companhia?”

Não vou mentir, levei um susto. Já existia uma boa intimidade, mas não tanta para falarmos de assuntos espinhosos. Sem entender direito, resolvi não fugir da raia, pois algo me dizia que com ela nada seria como já foi com as

outras. Num ato de libertação, desengasgando o que estava preso na garganta, respondi. Vivi um casamento dos sonhos por pouco mais de dois anos. Ela era uma companheira de verdade. Em um feriadão, combinamos de ir para a praia. Saíramos na quarta-feira. Eu, após as consultas, no fim do dia; ela, no meio da tarde. E assim foi. No caminho, ela se envolveu em um acidente em que vários carros se bateram e acabou se atrasando. Nada grave, acreditei eu. Só danos materiais. Quando nos encontramos, tarde da noite, ela estava com alguns hematomas onde o cinto tocava o corpo. Examinei e disse que não era nada. Ela passou o feriadão todo tentando disfarçar as dores. Falei que não valia a pena ir até o posto de saúde, pois poderia ficar mais tempo na fila, o que aumentaria seu desconforto, certamente resultado da tensão muscular gerada pelo ocorrido. Receitei alguns analgésicos. E assim foi até domingo, pela manhã, dia após dia. Ela sempre acordou antes de mim e fazia questão de me tirar da cama com brincadeiras. Quando

levantei, já perto das 9h, ela ainda dormia e es-
tranhei. Cheguei perto e vi que algo estava er-
rado. Ardia em febre. Tentei acordá-la, parecia
fraca. Não tive dúvidas. Troquei de roupa, peguei
os documentos e a carreguei até o hospital mais
próximo, coisa de uns 60 km... consegui entrar
pela emergência e acompanhei a internação. Al-
guns exames de raio-X e tomografias depois e
o diagnóstico: fratura em uma costela, pequena
perfuração no pulmão e uma hemorragia. Inter-
nação, drenos, punções e medicação. Até que na
madrugada de segunda-feira não resistiu, há um
ano e meio. Nunca consegui me perdoar. Como
a família dela era conhecida e nosso casamento
apareceu em várias colunas, nada estranho que
uma tragédia dessas passasse a ocupar todas as
mídias com várias especulações. Negligência?
Golpe? Intrigas? Traições? Teorias não faltaram.
Já respeito à dor que sentimos todos por uma
perda dessas...

Jamais consegui falar a respeito. Tentei
terapia. Viajei por um tempo. Tudo em vão. Me

afastei dos amigos e passei a sobreviver, me equilibrando entre a culpa e a tristeza. Senti que minha punição seria solidão e o exercício forçado da medicina. Até aquela noite. Não tenho mais nada a esconder. E você, tem algum demônio oculto por trás de toda essa vivacidade que me fisgou?

* * * * *

Acho que vai ser bem legal poder passar a limpo o que acho que peguei da filosofia. Claro que tudo o que vi já é velho demais, com milhares de anos. Mas parece que algumas partes dessas ideias não ficam pra trás nunca. São “atemporais”. Gostei dessa palavra. Vou começar a usar.

Se antes de Cristo, Sócrates já sabia que não adiantava “passar conteúdo pra aluno”, mas fazer o parto das ideias, em “bate-bola”, sem facilitar as coisas, por que ainda hoje os professores nos “torram” a paciência com coisas bestas

como copiar do quadro, decorar conceitos e fazer provas?

Deve ter algo por trás dessa coisa toda que ainda não consigo ver. É óbvio demais que esse esquema todo não serve mais. Pra que insistir, então? Interesse de quem faz a coisa toda a andar ou travar. Quem tem grana faz as leis ou dá a grana para quem faz.

Com isso, esse baita faz de conta em que as coisas são feitas para não funcionar direito deixa a gurizada, como eu, se sentindo “peixe fora d’água”, sem um lugar. Pra não considerar o que a gente pensa, é um-dois. “Tudo porrão-louca, sem noção, abestado”, é o que mais ouço.

Só que não. Somos tão capazes quanto eles, e isso deve deixar essa galera mais velha com medo do novo, da mudança, do futuro. Somos o futuro e eles no máximo, o presente, quase passado. Faz todo o sentido.

Vou tirar isso a limpo com o professor, para ver se não tô viajando demais e pedir pra ele me dar umas dicas. Caiu a ficha para o que

essa coisa de filosofia serve: incomodar alguns e desacomodar outros!

* * * * *

Puxa. Difícil não sentir que me meti onde não deveria. Ao menos não agora. Mas não julgo. Para mim, nada mudou. Quer dizer, não muda a pessoa que você é, mas agora entendo um pouco aquela tristeza toda num olhar só.

Tenho pouco estudo. Não acabei o colégio. Comecei a trabalhar cedo. Sempre tive amor e cuidado. Minha mãe mal sabe escrever o nome e lê “mal e mal” e me disse que para não passar pelo que ela passou, eu deveria me esforçar. Nunca tive pai. Não conheci e nunca fiz questão, pois cada vez que puxava assunto sobre ele, via a dor no rosto de minha mãe.

Conheci vó, vô, tios, primos. Gente muito simples, alegre, trabalhadora e de fé. Não são fanáticos ou preconceituosos como alguns “crentes da cidade grande” que satanizam tudo

o que não é de sua igreja. Coisa de louco, que só fui conhecer aqui.

Antes de me mudar, também vivi o meu inferno. Um tio. Irmão da minha mãe. Meu padrinho. Sempre fomos muito próximos. Foi o pai que nunca tive, e eu, a filha que ele sempre sonhou, pois era pai de quatro meninos, todos pequenos. Foi só criar um pouco de corpo e ele mudou comigo. Passou a me olhar estranho, me tocar por nada, nos ombros, braços, costas... até que um dia, do nada, tentou me pegar à força. Tapou minha boca para não gritar. Não adiantaria mesmo. Estava só eu e ele lá em casa e ninguém acreditaria em mim. Conseguí me soltar e saí correndo pra casa da vizinha.

Achei que tinha me livrado, mas aquilo foi só o começo. Não tinha dia ou noite que não me cercava na primeira chance, pra tirar uma “casquinha”. Para não magoar ninguém, guardei só para mim e consegui me safar no dia em que vi que não dava mais.

Inventei mil desculpas pra família, dizendo que iria para uma cidade maior para crescer, estudar e trabalhar. Peguei meus trapos e “zarppei”. Foi duro, mas necessário.

Mal cheguei à rodoviária, cheia de sonhos e planos, com um aperto no peito, e quando fui perguntar para alguém qual o ônibus que deveria pegar para ir até a pensão que descobri na internet, só para moças, um cara me ofereceu ajuda e roubou os poucos trocados que eu tinha. Antes, aproveitou para me bater. Bater, não. Surrar, até cair desacordada. Quando dei por mim, toda doída, me senti a pior das criaturas: suja, imunda, imprestável, burra. Conseguí fugir da boca de um lobo para cair de bandeja, na chegada, nas garras de um urso.

Chorei, gritei, nada adiantou. Ninguém me estendeu a mão. Nem uma alma. Fiquei sentada naquele beco escuro por um tempo. Sequei o rosto, engoli as lágrimas e jurei que nunca, ninguém, jamais, tocaria em mim sem eu querer. Isso faz um ano. Não tive mais vontade, nem coragem de ficar com alguém. Até ontem.

Nos olhamos por um tempo com olhos quase transbordando. Uma lágrima sequer caiu. Tocamos as palmas das mãos estendidas, umas nas outras. Respiramos no mesmo ritmo. Só senti paz, compreensão, serenidade. Coisas que nunca imaginei pra mim. Não me achava merecedora. Para não quebrar o clima, guardei essas impressões e curti o momento. Era felicidade. Devia ser. Aquilo que sempre achamos que dura pouco, mesmo quando esse pouco se chame eternidade.

CAPÍTULO 9

ENTRADAS E SAÍDAS

Coisa estranha de se dizer. Mal fez uma semana que ficamos e sinto como se não tivesse sido a primeira vez. Tipo um reencontro, não um encontro.

Cada beijo, toque, sorriso... tudo é bom demais. Sempre com alguma coisa de “já vi isso antes”. Deve ser empolgação do momento, bo- beira. O mais engraçado é que tudo se encaixa: corpo, cabeça, gostos, ideias. Mesmo sendo tão diferentes um do outro.

O cara já passou dos 30, estudou, é Dou- tor, viajado, viúvo, bem de vida. Como dizem por aí, um “partidão”. Eu mal fiz 21, nem acabei o colégio, quase não namorei e vivo com o bá- sico. Tem chance de dar certo? Não sinto que

esteja brincando comigo. Mas seria mentira se alguém dissesse que sabe onde vai dar alguma coisa quando está só no começo. Só quero que seja bom, enquanto durar...

Não ficamos sem falar um dia, por mensagem ou ligação. Temos nos encontrado direto. Nem toda noite rola, mas parece estranho imaginar minha rotina sem ele. Paixonite de guria boba?

Nem aquelas histórias *bads* que contamos um pro outro mexeu no que sinto. Quer dizer, parece que agora estou ainda mais próxima, até um pouco íntima. Mais do que uma “ficante” qualquer ou uma “conhecida” da vida.

* * * * *

Não acredito, mas já leu todo o material que passei sobre Sócrates. Não que fosse muita coisa, mas considerando o que esses jovens conseguem processar por dia, fiquei surpreso. Quanta aplicação! Que entusiasmo! Há anos não encontrava alguém com tamanho interesse pelos clássicos.

Parece cedo, mas algo me diz que as ciências humanas estão recebendo um autodidata. Vislumbro, inclusive, uma seleta gama de escolha de cursos para prestar vestibular.

A compreensão de alguns conceitos permite revisitá-los tantos e até mesmo preconceitos, a ponto de realizarmos novas análises, dando lugar à crítica qualificada, no lugar dessa verdadeira enxurrada de “opiniões” superficiais que se multiplicam na internet e nas redes sociais. Percebo, ainda, um processo de amadurecimento pessoal, pela derrubada de barreiras impostas pela timidez, substituídas por uma autoconfiança rara para essa faixa etária.

Falando assim, sinto-me na ativa novamente como se fizesse um parecer descriptivo detalhado em meio a colegas reunidos em um conselho de classe. Bons tempos... e pensar que muitos de nós se queixavam, contando os anos para a aposentadoria. Tolice.

Como a perspectiva faz diferença na vida. Uma interlocução simples, entre quem está co-

meçando com alguém perto da linha de chegada pode, realmente, abalar estruturas, redistribuir papéis e, por que não, mudar os rumos da história.

Duvido existir medicação no mercado capaz de fazer correr por essas velhas veias sangue com tanta disposição quanto a produzida pelos questionamentos que venho enfrentando desse ser ímpar posto em meu caminho. Ou seria eu que acabei cruzando sua estrada? Jamais saberemos. Certo, mesmo, é que cada um já conquistou espaço na trajetória do outro.

Quão rica pode ser a diferença quando não considerada demérito, mas apenas distinção, riqueza, pluralidade. Em dias de sectarismo e discursos de ódio, corremos o mesmo risco do pobre milho, que com suas sementes transgênicas, todas iguais e patenteadas, rompeu para todo o sempre com sua origem. Não há, para o popular cereal, qualquer espaço para diversidade, apenas padronização.

Reflexões e divagações de um ancião.

Deixarei as coisas quietas por um tempo, até que me acesse, novamente. Não quero interferir nesse processo autônomo e genuíno de busca por si mesmo. Vejo receitas prontas de autoconhecimento, coisas de *bestsellers*, caça-níqueis, ao estilo “O mundo de Sofia”. Como leitura, todos eles têm seu mérito. Mas que não passe disso. Eu, pelo menos, não deixarei.

* * * * *

Uma semana. Pouco tempo para quem beira os 40. A primeira etapa de uma nova realidade. É como se tivesse recebido da vida uma segunda chance. E que chance!

Não comento com ninguém, mas há anos não me sentia tão vivo. Quando digo anos, volto umas duas décadas, aos tempos da faculdade, cheio de novidades e surpresas.

Agora é diferente. Sou velho demais para algumas coisas. Não há tempo a perder. Nada de juntar trapo, unir escovas de dentes e “viver feliz para sempre”.

Se dissesse que essa garota é bacana e que estou curtindo, seria quase mentir. Ela é muito madura para a idade e apesar da baixa escolaridade é espirituosa, sagaz, atenta. Não tenho dúvidas de que mais um pouco e deslancha para além daquele barzinho. Precisa de paz, pois fibra e disposição tem de sobra.

Receio que logo canse dessa história, que me ache um coroa, limitado e bitolado, cheio de preconceitos e manias. Prefiro nem pensar nisso, pois presentes como ela não se recebe com hora marcada, tampouco vão embora com aviso-prévio. Só consigo lembrar de uma frase, piegas e até meio brega: *carpe diem!*

Por mim, dormiríamos juntos todas as noites, mas nossos horários são bem diferentes. Ando com um fogo daqueles, um desejo que não passa... que tesão sem fim! Devo parecer, aos olhos dos outros, um quarentão em crise de meia idade, que logo que encontra um rabo de “minissaia”, passa a viver exclusivamente em função disso.

Que patético! Estar amando, apaixonando, gamado, como preferirem chamar... junto a alguém, desejar esse alguém. Sem posse, sem cobranças, apenas levar adiante, passo a passo, sem preocupação.

Já é tarde, vou me atrasar para a primeira consulta. Nada disso... me vou!

* * * * *

Como é bom encontrar algo que valha de verdade, diferente da internet que hoje tá lá e amanhã já não serve mais. Todo mundo esquece e nem faz questão de saber mesmo.

A maiêutica, ou parte de ideias, a investigação constante... como alguém pode não achar isso massa? Mais: como as escolas e os professores vivem como se não soubessem disso e só vão no “copiar e colar”, sem chance para algo mais?

Sei lá... não quero parecer *poser*, mas depois de ter lido um pouco do troço sinto como se todos esses anos de colégio fossem um “faz

de conta”. Pura perda de tempo. Não aprendi nada que me ajude a pensar e discutir, apenas repetir, repetir e repetir. Sou como um cachorro ensinado a fazer xixi e cocô no lugar certo e dar a pata. Vergonha é pouco.

Ainda bem que conheci o professor e que ele me deu várias dicas. Algo mudou em mim. Não consigo mais só repetir e decorar. Faço *links*, nada demais, mas vários colegas nem acompanham.

O único problema, além desse treco viçiar, é que não tenho muito com quem conversar, pois a gurizada prefere caçar *Pokémon* ou ficar de papo furado. Será que estou crescendo? Quer dizer, amadurecendo, já que crescer não precisa de nada além de comida e água... tipo uma planta...

Já nem tenho medo de que riam, zoem e me chamem de *nerd*. Faço o que dá na telha e danem-se. Não estão dentro de mim para saber o que sinto ou penso. Repetidores de coisa alguma. Babacas!

Chega de quem nada me traz de bom. Já
esses loucos da filosofia e aquele figura... são só
alegria!

CAPÍTULO 10

COLISÕES

Calma. Não pira. É foda. Mas não adianta espernear. Eles não te ouvem, mesmo. Chega dois surtados para deixar tudo ruim. Que merda.

Tudo tava tão bem. Eu começava a me sentir alguém, com alguma coisa a ver comigo e esses malucos tinham que viajar e estragar tudo. Minha mãe entrou no meu quarto para, saber-se lá fazer o que, e percebeu vários livros da biblioteca da escola em cima da mesa. Também não entendi o motivo e começou a olhar as capas, estranhando não serem os recomendados pelos professores, com questões de vestibular ou romances melosos.

Deu uma folheada e não sacou porra nenhuma. Até aí, tudo bem. Mas mexeu nas gave-

tas e descobriu algumas anotações. Pensamentos, opiniões, nada demais, mas com aquela cabecinha de palito de fósforo, levou pro lado errado e já me viu ardendo nas chamas do inferno.

Saiu do quarto aos gritos, atrás do meu pai, que também não bate muito bem. Deu a entender pra ele que eu tava passando por “lavagem cerebral”, que tinha caído no papo de algum pervertido da internet e que agora só o pastor poderia me salvar.

Estava tomando banho nessa hora. Acabei de me arrumar e fui ver o que pegou. Ainda aos berros, completamente “fora da casinha”, esfregou as folhas na minha cara e perguntou o que eu pensava que era? Se ela tinha escolhido ser mãe para isso? O que seria da vida de todos nós a partir de agora?

Meu pai não disse uma palavra, apenas retorcia aquela boca mole de onde nunca saía nada que prestasse, de lá pra cá e de cá pra lá. Coçou o queixo e ficou esperando que as coisas tomassem um rumo, o que, claro, não aconteceu.

Ela ainda perguntou, me acusando, quem era ele? Onde eu tinha conhecido? Se tinha tocado em mim ou pedido para ser tocado? Desembucha aqui ou na delegacia... tudo isso chorando, berrando e soluçando.

Nem eu acredito na reação que tive. Pedi licença, tomei de volta o que era meu, tudo amassado e molhado pelas “lágrimas de crocodilo” e respondi que aquilo era particular e que eu não autorizava que vasculhassem meu quarto. Respirei fundo, antes de sair, e disse, bem alto: “espero que isso não se repita. Mas caso eu me engane, além de eu ir até a polícia, passo no Conselho Tutelar e denuncio os dois por violação de privacidade e outras coisas mais que posso me lembrar que aturo todo dia. Entenderam? E mais uma coisa, “a natureza não convive com o vácuo”.

Nenhuma reação. Ficaram de olhos arregalados, sem entender direito o que acabaram de viver. Talvez nem tenham conseguido raciocinar. Sei lá. Pra mim, tanto faz.

Peguei a mochila e vazei pra longe daquele hospício. Dobrei a esquina, me sentei no chão e comecei a chorar. Não de tristeza, mas de raiva e indignação. Que direito eles tinham, como pais que cagavam para o que eu sentia ou pensava, de se meter na minha vida, logo agora que encontrei um caminho? Quem eram aqueles dois estranhos para julgar o figura, única pessoa que realmente se preocupava comigo? Fodam-se! Fodam-se! Fodam-se!

* * * * *

Sábado à tarde, sol quase indo embora. Tempo bom para caminhar sem pressa. Quer dizer, mais ou menos, pois daqui a pouco, tenho que ir trabalhar, pois é dia de movimento no bar.

Enquanto a hora não chega, aproveitamos como dá. Como era gostoso estar com ele! Noso mundinho não era perfeito, mas era só nosso. A gente se via, se curtia, falava, ria... tudo numa

boa. Parecia que tudo ao redor era pouco ou quase nada, um paraíso.

Já são 18h. Sento em um banco, no parque, enquanto ele compra água. Olho ao redor, tanta gente feliz, sem pressa, despreocupada. Crianças, jovens, idosos... no caminho até a lanchonete, ele é parado por um casal. Se dão oi, como velhos amigos. Abraços, beijos, risos... não me chama, fico na minha. O papo rola, rola, rola... e eu ali, ainda na minha.

Se despedem, ele compra a água e volta, sem comentar nada. Pergunto quem eram, ao que, meio que disfarçando, disse serem ex-colegas de faculdade. Ninguém importante. Nada demais. Sem pensar muito, lasquei um “e eu?”

Ele, engasgando-se no meio do gole, se cospe todo e responde: “você é você... por quê?” Não é isso que quero saber. Eu também não sou ninguém importante, nada demais? Ou, ao contrário, sou demais: nova demais, burra demais, pobre demais...? Sente vergonha de mim?

Largou a água no banco e me pegou pelos

braços. Olhou bem nos meus olhos e disse que eu tinha razão. Fiquei chocada. Ele continuou dizendo que eu era demais. Me irritei. Mas não aquele tipo de demais: era engraçada demais, carinhosa demais, ligada demais e boba demais. Disse para eu deixar de besteira, pois se eles fossem importantes, teriam sido apresentados e até quem sabe, a gente podia combinar uma saída um dia desses ou coisa assim.

Me senti ridícula, mimada. Achei que ele tinha vergonha de mim... coisa de gente complexada e cheia de tititis... aff! Pedi desculpas. Ele aceitou, numa boa. Nos abraçamos e seguimos de volta pra minha casa, para descansar um pouco até a hora de me arrumar, antes de pegar no pesado.

* * * * *

“O homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o homem é o mesmo homem”. Arecio muito esse pensamento. Sempre gostei muito de... de... como mesmo é o nome do autor? Meu Deus, não bastassem meus olhos e

meu esqueleto, agora meu cérebro começa a se portar como um traste?

Heráclito ou Hipócrates? Ou seria Aristófanes? Tanto faz... todos fazem parte do passado, como eu, em breve também farei. Com a diferença de que suas obras os imortalizaram. Meia dúzia de meses depois de minha partida e ninguém mais lembrará que pisei um dia neste planeta. Triste, mas real.

Nem minha filha, que tanto me perturba o sossego, tem me procurado. Há mais de 10 dias sem um telefonema ou mensagem. Vou até olhar a secretaria eletrônica para ver se deixou algo. Secretaria eletrônica? De onde tirei essa? Não tenho mais esse trambolho desde antes de meus netos nascerem. E lá se vão uns 10 anos. Pelo menos resta o consolo de que só os imortais me ouviram dizer essas sandices.

Vou tomar meu café na padaria e ver se encontro outros megatérios dispostos a se enganar, enquanto fingem ludibriar Hades. Como se alguém pudesse levá-lo na conversa. Somos, de fato, um bando de tolos.

CAPÍTULO 11

ECLIPSE

Será que viajei?

Contando, pode até parecer “mi-mi-mi”, mas pra mim não. Me pegou de jeito. Demorei uns dias até parar de pensar naquilo. Via e revia a cena como se fosse um filme travado, que vai e vem, vai e vem... sem som e com imagens malucas.

Achei até que estava pirando. Pode?

Esse mundo não dá mole. Quando as coisas parecem querer se acertar, vem alguém e BUM! Te acerta. Tempo ao tempo, tempo ao tempo...

* * * * *

“A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas”. Mário Quintana sabia e continua sabendo das coisas. Viveu como todos deveriam viver: fiel a si e a seus valores. Em prova de generosidade, nos legou tantas lições.

Não posso me queixar da vida. Embora tenha nascido e vivido a maior parte do tempo em outra época, muito diferente, sempre fiz minhas escolhas e assumi as consequências, nenhuma delas que não tenha valido o risco.

Olhando para trás, lamento ter sido tão cauteloso, pois viver não é para comedidos! Exige desapego, superação, desejo... acho que alguém accordou poético. Ainda bem que não me arvoro em anotar nenhum pensamento. Que estranho. Quantas chamadas não atendidas no celular. E todas da minha filha. Pelo menos duas ou três por dia. Devo ter silenciado o aparelho e esqueci por completo.

Vou mandar um oi, por SMS mesmo, só para dizer que ainda não foi dessa vez que se

livrou de mim. Deve estar preocupada. Eu, no lugar dela, estaria. Depois que a criatura cresce, o criador colhe os frutos, doces ou amargos, mas colhe.

* * * * *

“Todos os dias quando acordo não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo! Temos todo tempo do mundo!”

Como é bom acordar com Renato Russo e Legião Urbana no chuveiro. Dá um ânimo a essa hora do dia. Mas pensando em “Tempo perdido”, já não somos tão jovens. Pelo menos, eu não.

Quase 20 anos nos separam. Para a humanidade, menos do que uma piscada. Mas, hoje em dia, são várias gerações e revoluções. Tenho tanto a viver, ainda, mas será que nosso ritmo é compatível? Pelo nível das dúvidas, o quarentão “readolesceu”, com seu peito cheio de dúvidas e a alma repleta de amores... só rindo.

Carpe diem, hombre! Cada dia, um dia, sem planos, roteiros ou sinopses. Tudo tem seu momento, mas o querer, insiste em acelerar tudo. Pós-modernidade é fogo! Chega de filosofar e vamos nessa, pois a padaria deve estar com fila e não quero atrasar os pacientes que madrugam para pegar dois ônibus e não para fazer com que os deixem esperando.

Gente merece consideração, sempre. Ainda mais quando padece.

CAPÍTULO 12

DIALÉTICA

Olá, professor, tudo bem? Lembra de mim? Da escola... do parque... dos *e-mails*? Sócrates... pois, então. Sou eu. Sabe, mesmo? Não reconhece minha voz? Estou ligando porque achei mais rápido do que escrever. Você nem sempre olha a caixa de entrada de mensagens.

Nem esquenta. Todo mundo esquece alguma coisa uma hora ou outra. Não tem problema. Afinal, a gente fala com um monte de pessoas. Preciso conversar pessoalmente. Pode ser? Onde e quando? Combinado. Até lá.

Estranho, ele é sempre tão ligado e hoje pareceu estar “viajando”. Não faz o tipo que arma “pegadinha” ou “trola” os outros. Tentou não dar bandeira.

Será remédio ou coisa de gente velha? Sem querer ser “cricri”, vou tirar essa história a limpo. Hoje mesmo, depois do almoço. Na biblioteca pública, seção de filosofia. Entro com os dois pés no figura.

* * * * *

Combinei de me encontrar com ela depois da hora do bar fechar para darmos uma volta. Esperarei no lugar de sempre. Parece bem, até animada. Caminhamos por um quarteirão, mãos dadas, quando perguntei como foi a noite. Respondeu, parecendo não querer esticar o papo. Quer saber como foi o meu dia. Contei, sem entrar em detalhes. Havia um certo desconforto no ar.

Questionei se é só impressão ou se aconteceu alguma coisa. Se foi aquele dia no parque. Ela admitiu, mas tentou explicar. Antes que começasse a falar e argumentar círculos e cair em contradição, interrompi e me desculpei. Disse

que entendo, pois estamos envolvidos, embora ainda nos conhecendo e descobrindo o “mundo” do outro, bastante diferente.

Para mim, isso não importa. O foco é estarmos bem. O resto é detalhe. Ela sorriu, me abraçou e me beijou. Não um beijo qualquer, de todo dia, mas daqueles que “intima” o cara para algo mais “forte”.

Retribuí. Apertamos um contra o outro e começamos, ali mesmo, no meio da rua, a nos agarrar. Fazia tempo que não tinha vontade de trepar na via pública. Era como se voltasse a ter dezoito anos e fosse uma das minhas primeiras vezes. A temperatura subiu, até que resolvemos ir para o apartamento dela, quase correndo, entre risos e tropeços.

Que noite! Menina nova, cheia de vontade, mas que de boba não tem nada. Enroscamos de um jeito, mas de um jeito... quase um nó. Tive a sensação de que “demos só uma”, pois durou horas e horas e horas... um negócio tântrico... de maratonista... sem fim... não vou negar, uma hora cansei. Cada toque, beijo, arranhão. Não tinha jeito

de deitar na cama e se olhar, nem por um minuto que fosse, sem que alguma parte do corpo de um tocasse na do outro, começando ou recomeçando com um leve roçar, que virava um pegar e já seguia num mordiscar, sugar, lamber... aaaaaaaaaa! Não tem como descrever... eu, pelo menos, não consigo. Sempre parece pouco comparando com o que foi.

Literalmente “forte”. Não vejo a hora de começar de onde paramos quando meu celular despertou, às 7h!!!! Foram praticamente 5h sem pausa... ufa!

Tomamos uma ducha e aproveitamos para nos curtir mais um pouco. Em passos arrastados, quase uma dança, seguimos até o consultório. Não sem antes pegar dois cafés puros e uma garrafinha de água pra hidratar... mais do que querer, preciso!

Que noite!!!

* * * * *

Fico muito ressentido em saber que seus pais ficaram sabendo do pior jeito possível de nossas conversas. Entenderam errado..., mas puderam colocar as coisas às claras, a fim de que ninguém se prejudicasse mais com isso? Não por mim, mas por você... nessa idade, há grande repressão, física e moral, quando os mais velhos não se colocam em pé de igualdade com os jovens e tentam entendê-los, dialogando. Sempre foi assim e estamos muito longe disso acabar.

Não quero causar problemas. Se achar melhor nos afastarmos, não apenas entendo, como respeito. Como eu estava ao telefone? Como sempre, ora. Não tive nenhuma intercorrência, fora as confusões mentais normais de alguém da minha idade. Notou alguma diferença?

Eu devia saber que não se pode enganar as pessoas por muito tempo. Vou ser franco, mas não desejo misericórdia ou piedade. Estou com quase 80 anos, e as coisas parecem piorar a cada dia. Memória, força, ânimo. As ideias organizam-se em grupos e realizam fugas fantásticas.

Os médicos chamam isso de demência senil. Um sinal do corpo de que o tempo que ainda resta está muito menor. A cabeça vai se perdendo aos poucos até saber-se lá onde. Resolvi não contar para minha filha, nem procurar um médico, pois de remédios e de tratamentos com efeitos colaterais estou farto. Quero poder ser eu mesmo, com dignidade, até quando puder.

Peço, apenas, que... me dê um abraço. Pode chorar. É o jogo da vida. Não se culpe, pois nos conhecemos quando poderíamos e deveríamos. Não há injustiça alguma nisso. Que nosso tempo juntos seja breve, mas proveitoso.

CAPÍTULO 13

ENFRENTAMENTO

Sei que uma hora ou outra aparecerá *game over* na tela, mas só quando não terá mais o que fazer. Não é justo deixar o cara, bem agora, se desmanchar só porque não quer falar pra filha, nem fazer tratamento.

Se ele tem o que diz que tem, “demência senil”, vou ver o que o Google me conta. Alguma coisa eu vou fazer. *Sinais da doença*. Aqui.

Perda de memória, dificuldade em executar tarefas normalmente realizadas, problemas de linguagem, confusão mental, mudanças de humor... e por aí vai. Muito comum a partir dos 65 anos, atingindo grande parte da população mundial nessa faixa etária. Não conheço ele tão bem

para saber como era antes, mas dá pra sacar que a coisa vai nesse caminho.

Sem cura. Com o tempo, só piora. Mas por esses *sites*, a família, amigos e cuidadores têm como tratar, sempre com muita paciência. Parece possível, com exercícios físicos e mentais, reduzir a velocidade da doença. *Coisas que exijam o uso do cérebro e promovam maior circulação sanguínea.*

Puxa vida. Meus pais têm quase a metade da idade dele e o cérebro dos dois devia estar 100%, mas não o usam pra nada que preste. Já o figura, cheio de conhecimento e de ideias, tá com os miolos dando *bug*. Deve ser de muito uso. Só pode.

Então tá. Vou pra cima dele e digo que são “atividades” pra mim. Pesquisa, escrita, citações, discussões, caminhadas, parque... claro! Mas tem que ser na manha, pois se meu pai ou minha mãe se ligarem, não me deixam mais em paz.

Vamos nessa, escrever um *e-mailzão*. Operação antidemência iniciada.

* * * * *

E eu que pensava já conhecer homem... até agora, tive uns namoricos de menina-moça e uns lances *punks*. Mas nada que me fizesse sentir assim, de bem com tudo, feliz, cheia de vontade de nada mais.

Quem diria que aquele cara estranho e com olhar triste seria tão gostoso! Como tem pegada, cheiro, tesão. Sempre me chamou a atenção, mas não pra esse lado. Achava charmoso, bacana. Nunca imaginei que desse tão bem no couro!

Nossas últimas noites foram demais. Ele deve pensar que sou uma tarada que não dou folga e só penso em transar. Por mim, não desencaixava nunca. Só solto de tempos em tempos, porque sei que homem precisa de um respiro pra recuperar a coisa toda. Mas é tão bom.

Não posso esquecer o que vim fazer aqui: estudar, trabalhar e virar gente de verdade. Daqui a pouco ele enche o saco da caipira e larga na fossa. Nada disso. Hoje mesmo vou atrás de um supletivo para tentar, até o fim do ano, aca-

bar os estudos. Ano que vem encaro um cursinho pré-vestibular ou alguma coisa técnica.

Atendendo em bar é que não vou ficar. Só não sei se conto pra ele. Pode me achar burra, estúpida e se dar conta da roubada em que se meteu. Ao mesmo tempo, é a única pessoa que pode me ajudar a pensar melhor, para não me meter em furada. Bem-me-quer, malmequer... parece ser o jeito de decidir.

Ele, eu não sei, mas eu quero, quero, quero, cada dia mais...

* * * * *

Puxa vida! Como esses jovens de hoje em dia são rápidos para aprender. Há pouco tempo, tinha um deles aninhado sobre meus braços, chorando como um bebê ao descobrir a decrepitude humana.

Agora recebo um *e-mail* repleto de ideias e convites, para mil e uma atividades, como se tudo já tivesse ficado para trás. Resiliência, sabedoria ou assimilação? Tanto faz. De bobos,

não têm nada. O futuro reserva grandes feitos para esta geração.

A lista é considerável. Acredito que a questão com os pais esteja resolvida. Menos um problema. Pareço participar de uma gincana filosófica. Vamos traçar um histórico dos primeiros filósofos, como uma árvore genealógica, com principais obras e uma ou duas citações de cada, ao ar livre, no parque.

Depois faremos uma animação no computador e um cartaz para cada um. Segundo consta aqui, tudo isso é para o colégio, além de uma prévia do que se pode esperar na faculdade. Que disposição! Preciso me alimentar um pouco dela.

Na sequência... pelo visto, as próximas semanas serão de intensas reflexões. Gostei. Toma que consiga acompanhar. Não custa tentar. Afinal, de que vale mais um tempo por aqui, se não for para viver e fazer o que gosto?

Não quero que meus últimos dias sejam de mera contemplação e esquecimento do que

fui e ainda sou, tal qual aqueles versos de um autor cujo nome não me recordo e que dizem:

*Como um barquinho de papel que desliza
pela água, rua abaixo, próximo ao meio-fio
e sem volta, ela se foi.*

*Nem ao menos nos olhamos uma última
vez.*

CAPÍTULO 14

CORRENTEZA

Meses dificeis. A crueldade do tempo só não foi maior por conta da brava atuação de um anjo sem asas, adolescente na forma, porém maduro na alma, dádiva dos céus.

Mais do que seu esforço intelectual em não deixar meu cérebro definhar no mesmo ritmo do resto do corpo, me comovi com seu envolvimento afetivo. Incansável na criatividade, invencível na dedicação, invulnerável na fé.

Nunca esteve só, assim como jamais me vi desta forma. A tenacidade foi recíproca. Também abracei suas angústias e lutei suas batalhas, típicas da idade, tentando cambiar dor por força. Pelo revezamento, cada fardo se tornou mais leve.

Os “meus” não conseguiram ser empáticos com a curva descendente e as mazelas dela resultantes. Não os julgo, por não merecerem e por terem esse direito. Despedidas nunca são simples, mas para alguns a dificuldade se apresenta maior.

Faltam-me palavras para definir o que sinto. O que, talvez, mais se aproxime, sejam gratidão e paz. As missões, quando cumpridas, costumam ser sucedidas por outra e mais outra, sucessivamente, sem cessar. No meu caso, tenho de ser eu mesmo em uma cruzada voluntariamente enfrentada com ardor, essência e desprendimento.

Sou um afortunado. Não há pelo que lamentar ou me arrepender. Como sabiamente nos legou Niemeyer, ao completar 100 anos, “a vida é um sopro”. No meu caso, vale complementar: que se esvai suave e lentamente.

* * * * *

Tanta coisa acontecendo e tão rápido.

Não quero parecer mal-agradecida, pois muita gente patina, patina e não sai do lugar. Comigo foi o contrário: nos últimos tempos, a vida virou de pernas pro ar... que pernas e que ar!

Queria muito virar gente, deixar o buraco, me orgulhar de mim mesma. Mas não podia imaginar que tudo poderia acontecer em menos de um ano.

Terminar os estudos foi demais! Suei para acompanhar essa gurizada no supletivo, mas nada tão complicado. Quer dizer, acabar o colégio, pois estudar, mesmo, nunca se para. A vida ensina o tempo todo, só não aprende quem não presta atenção. Sigo em dúvida se encaro um curso técnico ou tento a faculdade. Eita “dúvida” boa...

Já não via a hora de largar o bar. Além de não ter chance de crescer, o salário não ajudava mesmo com as gorjetas, que nos últimos tempos, diminuíram horrores. Ir trabalhar no *shopping* foi uma “mão na roda”. Um *upgrade*,

como dizem minhas colegas. Pego às 8h, organizo o estoque, arrumo vitrines e dou uma geral na loja. Antes das 17h largo, dependendo do tempo de almoço.

Consigo ficar com ele todos os dias da semana, não acontecendo mais de “fugir” um do outro, pelos horários de trabalho, como se um fosse o sol, e a outra, a lua. Tenho até medo de comentar. Isola. Toc, toc, toc, bato na madeira. Estamos juntos, firme e forte. Não sei como chamar o que rola. Namoro, amizade colorida, “ficação”. Sei lá. A cada dia, as coisas se ajeitam mais.

Tudo vai se acomodando por mágica. Não sinto mais ciúmes, insegurança ou receio. Ele, muito menos. Falamos sobre tudo, mesmo quando o assunto não é dos melhores. Nada sai do lugar... ao menos não por muito tempo.

Se vamos morar juntos? Casar? Ter filhos? Assumir algo sério? Todo dia alguém pergunta. Gente metida! Não tô nem aí. Quero viver e ser feliz. Se o mundo se desse conta de que descomplicar facilita, não ficava se grilando e se sa-

botando. Só sei de uma coisa: gosto muito dele. Na verdade, sei de duas, na real, três: ele gosta muito de mim, também, e isso é o que importa!

CAPÍTULO 15

RETORNO

Não curto igreja, religião, missa, velório... essa coisa toda. Como alguém pode gostar? Acabei me obrigando. Sinal de respeito. Reconhecimento ao PROFESSOR ir à missa de 7º dia dele.

Em menos de dois anos, por mil motivos, meu jeito de ver e de sentir mudou. Hormônios, amadurecimento, vivências... tudo. Mas, principalmente, poder contar com alguém especial, que me enxergou, me ouviu, me reconheceu de verdade. Foi meu amigo, meu mestre.

Sua morte não me surpreendeu. Esperava por isso há tempos. Poder ter acompanhado e lutado com ele por algo mais, valeu. Como costumava me dizer depois que eu falava algo bacana: “foi transformador!”

Não sei explicar: me sinto tão bem comigo e com os outros, que não me deu nada ao saber que havia “falecido durante o sono”, como descreveu sua filha ao telefone, da última vez que liguei, alguns dias depois de um estranho silêncio.

Caras como ele não morrem, nem deixam de existir. Ficam para sempre nas lembranças dos alunos, nas aulas, nas lições que dão enquanto filosofam. Mudam de ares para ensinar em outras dimensões, tipo Platão, no mundo das ideias.

Pirei? Não derramei nem uma lágrima. Nem ao menos fiquei triste. Das duas, uma: sou um ser monstruoso ou cresci mais rápido do que imaginava.

Sigo com minhas dúvidas, cada vez mais abstratas. Quando encontro uma resposta, de brinde aparece um pacote de perguntas novas. Nem todas têm solução e pouco importa, pois a vida não é um álbum de figurinhas. O que vale é seguir buscando, sem pressa e com paciência,

como sempre fez comigo, meu figura, meu amigo, meu eterno PROFESSOR.

Vamos nessa, senão perco a tal missa.

* * * * *

Não é o melhor dos programas, mas há coisas que não se deve, nem se pode evitar. O contato com a morte é uma delas. Perguntei se ela queria me acompanhar, preferindo que não. Fui surpreendido com um “claro que sim!”. No final das contas, foi até melhor, pois ao seu lado as coisas ganham outra perspectiva, mais leve, menos complicada.

Passei em sua casa e expliquei quem era o falecido. Além de um grande amigo da família, foi meu professor na faculdade e, de certa forma, um mentor. Medicina é o sonho de muita gente. O que poucos sabem é que depois de tanto esforço e dedicação para ingressar na universidade, muitos seguem com dúvidas, questionamentos, incertezas.

Pelo meio do curso, pensei em jogar tudo pra cima e passar um ano viajando, mochilão, mesmo sem saber por onde começar e o que procurar. Antes de trilhar esse caminho, acabei conversando em um domingo à tarde, depois de um churrasco com todo o clã, com essa peça inconfundível, misto de filósofo com Advogado do diabo.

Ao invés de me dar respostas, me ajudou a formular novas perguntas, sem preconceito ou pré-julgamentos. Mudei o foco, desisti de fugir e passei a adotar uma postura mais crítica em relação à medicina e a mim mesmo. Afinal, “já tinha vinte e dois anos”.

O resultado foi uma graduação sem percalços, com definição de especialidade ainda no quarto ano e um preparo invejável para encarar a residência e o temido mercado de trabalho. O que me dói não é saber que ele se foi. Minha cruz é ter deixado de dar qualquer retorno depois do apoio que recebi ou ao menos acompanhar os últimos momentos antes da doença

levá-lo de vez. Falhei como ser humano, como amigo, como médico.

O mínimo que posso fazer agora é prestar uma última e justa homenagem. Em uma hora dessas, nada melhor do que estar com quem se ama, não é mesmo? Afinal, há dias que tento dizer, mas não consigo. Agora sai fácil: eu te amo...

* * * * *

Velho, nenhum. Adultos, muitos. A maioria, pelos papos, tinha pinta de ex-alunos ou alunos de ex-alunos, como eu. Jovens, poucos. Netos, talvez, e algumas crianças.

Olhei para os lados e, além do PROFESSOR, só reconheci a minha professora, que o levou pra aquela palestra. Ficou espantada ao me ver. Assim que me abraçou, se despedaçou em choro. Soluçou alto. Sabia que também era fã do cara. Só não podia imaginar que tanto assim.

Me senti um “E.T.”, pois todos, menos eu, se derramavam em prantos e contavam histó-

rias que viveram com ele ou ouviram de sua boca. Preferi o silêncio. Minha surpresa foi ver uma mulher de uns 50 anos ao lado do caixão. Acredito que era a filha dele. Era fisicamente parecida. Ao me ver, veio puxar conversa. Disse que sabia quem eu era e agradeceu por tudo o que fiz. Fiquei sem jeito. Não tinha sido nada demais.

Acabou me agarrando firme e começou a chorar. Retribui o abraço, olhando para todos os que estavam ao redor, sem conseguir esconder um sorriso amarelo.

Depois disso, vi um casal entrar na capela. O cara estava horrível. Chegava a dar dó. Ela não. Encarava as pessoas, tentando não chamar a atenção.

Nossos olhares se encontraram. Ficamos parados, um de frente para o outro por um tempo, como se a gente se conhecesse. Cumprido meu dever, saí de “fininho” até um lugar perto da porta, de onde podia dar um tchau pro figura antes de “pular fora”.

O tal casal passou perto dos familiares, falou baixinho, abraçou o povo e se foi, também. Nos encontramos fora da capela e, em silêncio, saímos os três sem dizer uma palavra. Caminhamos até a saída do cemitério, quando ele me perguntou de onde conhecia o falecido, pois era mais jovem do que os ex-alunos.

Expliquei, contando o que acabou acontecendo. O cara, do nada, começou a chorar, sem parar. A moça ficou sem ação. Não sei o que me deu. Vai ver peguei jeito com o negócio. Abri os braços e abracei, como se pudesse ajudar a carregar aquele peso que esmagava o coitado. Senti que fui útil. Forte, até. Quando, do nada, ela veio por cima e nos abraçou firme. Ficamos juntos um tempão. Nos soltamos e me convidaram para um café.

Aceitei. Pelo visto, eu não era a única cria do PROFESSOR. Conversamos sobre quem a gente era, de onde cada um vinha e por aí vai. Da tristeza à seriedade e da calma para o riso.

A certeza que tive é que, quando alguém

se vai, é porque fez o que era para ser feito e deixa espaço para que outra pessoa chegue. Ninguém ocupa o lugar de ninguém. A vida é muito maior do que podemos imaginar e as surpresas dão graça à história.

Contei pra eles sobre minha relação com a filosofia. Ela se interessou, se identificando “horrores”. Pelo visto, de novo, encontrei pessoas mais experientes e que não me julgavam, me respeitavam e se interessavam por mim, sem segundas intenções.

A existência é realmente cheia de vias transversas. Os gregos sempre souberam. Ao encontrar um cruzamento, não é preciso travar ou reclamar. Basta escolher um dos caminhos que nos leva a outro cruzamento e a mais outro e, assim, até a hora que cansarmos e entregarmos os pontos. Simples, não?

prosa & verso



prosa & verso



prosa & verso



prosa & verso





prosa & verso



prosa & verso



prosa & verso



prosa & verso

CAEIRO, Alberto. Quanto Viver a Primavera. Pensador, Portugal, [2024]. Disponível em: <https://www.pensador.com/quando-viver-a-prima-vereira/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

GATTAZ, Lúiz Daniel. Esta é uma obra de ficção. *Do Cine à Cinema*, Brasil, 2016. Disponível em: [https://www.google.com.br/esta-e-uma-obra-de-ficcao-markup/](https://www.google.com.br/amp/s/neuveronico.com.br/esta-e-uma-obra-de-ficcao-markup/). Acesso em: 13 ago. 2024.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM e-books, 2010.

Bibliografia

Abriu os olhos, o petito e, ao sair da teia,
o cadeado que, na realidade, nunca esteve tran-
cado.

Ela é, sendo.

Porém, a vida não segue rotineiros, nem da
bola às previsões do tempo.

E assim padeceu.

E assim fez.

E assim foi.

Malas o prego foi alto: acreditar que só ha-
via uma fechadura para cada chave.

do a mínima.

De tanto ouvir máximas, acabou não dan-

Para cada pé torto, um chinelo velho.

Para cada tampa, uma panela.

98. Liberta ação

olhos.

Figura e fundo: o colonialismo diante dos

Porosidades das aparenças.

Sobre viventes em si.

Como láminas cegas se fazia ver sem olhar.

97. Alfaias

deixar para trás.

Nada fácil. Como bagagem, tudo o que ansiava

O trem parreira em minutos. Ignorava o destino. A certeza de sair dali aplacava o medo.

96. *Está sao?*

Impares paresados.
Singularidades plurais.
Indivíduos fracionados.
Distante-mente próximos.
Paradoxos, nós cegos, um enxergando o outro, a sós, tão nós.

95. *Tempos e temporais*

...é desistir de emendar as tiras desenegas-
nadas do chinelo de dedo.
...é entender que coisas, pessoas e mo-
mentos duram o que podem durar, nem mais,
nem menos, em ondas sem fim, em chegadas e
partidas.
Négar a dinâmica da vida desfigura a
eternidade gravada e prioriza o medo em apego.

mer no tubo surreal de creme dental.
...é aceitar que não há mais o que esperar-

94. Dizer adeus

sono em poesia... é a coisa des-ande.
indo", antes que as metáforas despertem de seu
O papo está muito bom, mas é melhor "ir

clusivo "com quem".
meio do caminho, importa o "como se vai", in-
lugar sempre se chega, ainda que pareça ser o
Mais do que "até onde", pois em algum

primeiros passos da firmeza da criança.
o bebê vai ficando para trás quando ensaiá os
evolutiva para a espécie humana. Ainda hoje,
duas pernas também é considerada uma gênitalia
Não exatamente por isso, mas andar sobre

freqüência.
los poros... a sair de um lugar é a entrar em uma
outros singulares, a oxigenar o corpo, a chorar pe-
Andar ajuda a pensar, a ver o mundo por

importa é apenas a chegada, o quanto antes.
...se o caminho faz a viagem ou se o que
briga.

...se interagem, se olham, dialogam, riem,
conveniência ou comodismo.
...se estão ali de modo espontâneo, por
uma puxa a outra ou mesmo se a empurra.

assim como se trilham juntas um caminho, se
duas pessoas formam uma dupla, par ou casal,
Quem vê de fora consegue perceber se

fecunda agão.
Cada um tem um "DNA caminhante" que,
invariavelmente, dialoga com o dos outros. Jun-
tos, formam um mosaico único, fruto de uma
ritmo do passo, distância entre as pes-
sas, olhares, semblantes.

Andar diz muito sobre andantes, cami-
nhos e relações.
Ritmo do passo, distância entre as pes-
sas, olhares, semblantes.

93. Andar

mao ou sussurro de arrepião.
 Sensorial como um verdadeiro aperto de
 Descarre em foto, filme ou exploração.
 como suspiro, humano e completamente assim.
 Constrangedor qual riso nervoso, que te
 breve a quem nela se funde.
 Demorado para quem vive de fora, sempre
 ...como o abraço real, coração com coração.

92. Ah... brago

saó dele como céu.
 Furar meu teto com teu ser destrói a ilu-

91. Céu teto

adequado era entrar.
 Para encontrar o que procurava, o verbo
 Custo, mas a ficha caiu.
 Saiu em busca da felicidade.

90. Verbo

SILENCIO.

RUIDO.

QUEDA.

Se pode ser fria queza).

bebê. Nada. Nem diferente, nem igual... há dias.
(O labirinto não devo ser. Não comi, nem

— Bebado imundo! Some daqui...»

O deambular claudicante do homem
atráia olhares por onde passava.

faminto

89. O homem, o bebado e o

do babaca. Duro ódio. Não quebrou. Se arranhou
um pouco. Agora é tacar pau e não deixar o ma-
laco dar o troco. Não meio de tudo isso, zig-zag
e pega pra capar. O relatório não espera. Bora!

Deu mole. Só vi depois, p'elo videro, a cara

culpa. Levrei o espelho. Tava no caminho.
a caranga, maior o foda-se pros outros. Não tive
ro e quem tem corre que espere. Quantos maior
como se fosse dono da rua toda. Para onde que-
Que isso, meu? Os cara fica de bobeira

88. **Emersa mente**

seta luminosa... bizarra, na realidade).
lidades em forma de botão, mas um aviso como
do... (pergunta estranha diante de duas possibili-
parada. — Desce? — Não, senhora. Esta subin-
voz por trás da porta que se abria anuncava a
no 8º andar, por gentileza? Nem precisou... uma
tade de sair correndo. — Algum pode apertar
procurar? A figura não respira, bafa. Que von-
Perreterido. Só pode ser isso. Tarado. Que tanto
de pavio?». Parece um cachorro perdigueiro.
Que tanto me olha? „Nunca me viu, cara

87. **Levador**

Se r? Nao. So parece. Mas esse olhar
vazio. Artificial ate no p?scar. E essa postura?
Culpado. Mal respira. Fimge que so. Uma hora
vai deitar escapar. Comepar. Talvez n?o h?je.
Cedo ou tarde, p?ego. — Plim. 7º andar. Subindo.
Chegou. Nao foi desta vez. Ainda descouro o
gabinete ou a gabinete que aberta os dois botões para
chamar o elevador, cima e baixa, no "quanto
mais melhor". Ah, p?ego!

86. Hein, leva a dor?

Não aceitando aquilo como pronto e a cada dia, simplesmente parou. Precisava agir. Uma estratégia. Algo que pudesse devolver o impacto

85. Imersa mente

...mas, e agora? Parece tão cedo. Só parecia. Vai dar. Tem que dar. Pode até faltar alguma coisa. Tempo é relativo. Quem disse essa sempre atrassado. Filosofia chinele. Se não der, paciência. E o jeito. Feito e não preferito. Quantia idiota. Só chamando de procrastinação pra lever a sério. Ensebagão é o nome da crônica. Como pensei....

84. Sem pé nem...

...meto. Descanso, Chiquinha, a dor passou. Promessa vez de padecer, mostrei como

serviu para algo teu exemplo de vida e amor.

que dela brota.
Temor apena s pela ausen a com saudade

midos e chamegos.
Ao menos n o n aquela forma da por pelos,

N o h a o que temer na escurid o.

vam ainda mais silencios.
Palavras carregam significados, mas le-

gateadas

83. Pretendo n o s o o olho da

gar e "encegar".
Duas letrihas e a distancia entre enxer-
gues ento a.
Algo como um "aff.." e um "ah!".
Na nuance, sut l diferen a.
Revirar os olhos ou virar a chave?
Quem enxerga, relaxiona.

Quem vê, contata.
 Quem ouça, percebe.
 Olhar, ver ou enxergar.

82. Image

A vida ser a arte do encontro, embora
 haja tanto desencontro, seria uma questão de
 tempo, de destempo ou de ambos?

* * * *

Páixões, desilusões, projetos... tudo a seu
 tempo (s), enquanto nós, meros mortais,
 com nosso tempo contado, fingimos não estar-
 mos nem ali, tendo Carlos Rovelli e repetindo os
 mesmos erros a todo tempo.

Encontros e desencontros faliam de tempo.

Reflexões essenciais para uns, perda de
 tempo a outros.

justa sobreposição de desejos e visões em infinitos tempos? Ou seria a própria vida uma nem sempre

“oportunidade perdida” ou sonhar com o “dia de amanhã”. Sem aproveitar o “aqui e agora”, lamentar

Na vida, tudo é questão de timing.

81. Tem... po?

Para ele, só uma modulação da frequência do te ouvere.

Desperrou aos olhos do mundo. Bom dia.

Sentia. E como. Ah, sem ti.

Sonho tão, tão, mas tão, que guardou apenas para si, com chaves sem fím, a ponte de não nas lembrar.

Sonhou.

meceu.

De tanto pensar, desejar, imaginar, ador-

80. Sen-ti

Outros capitulos.

faz-se café e, dele, até mesmo gênio pode aparecer.

dia depois do outro e do outro, até que da sônia

Mas tudo passa e não nada como um

Se não fosse a trama dos ponteiros... .

sexta.

Espontâneo como café em uma manha de

79. Agora vai

outro pelo um, atados sem ô.

não diga respeito a nós, cégoos, um pelo outro,

existência dos segrados, mas de tudo mais que

Nos que, de tao intimos, esquecem não da

ainda, nós.

Mas ha intimidades, INTIMIDADES e,

Intimidade tão oculta que, não raro, pre-
ferimos esquecer que se querer existe.

78. Segredo

Vem cá, rente
carente
nós
atados
um no outro
a sos
foz.

77. E

Perdão, poeta, não foi por mal.
Lembrei-me da tua pedra, só que esta
que descrevo, é pra lá de preciosa.

Que horizonte, curvas, retas... estonteante-
temente assim.

Imício, lado, frenete e até o tal do meio.

todo!

Drummond do céu: ela era o caminho

uho.

Uma galéga linda, não no meio do cami-

galéga.

Mas ai, no meio do caminho tinha uma

Me banco e me basto, desde sempre.

Estou mais para autossuficiente.

Talvez sim, talvez não.

Não nego.

Me chamas de carente.

76. Drummond que me perdoe

... nem foge.
se funde, se folda, se pega e morde, só não finge,
Fusão, confusão, infusão... em que a gente

enlagaadas, bracos em abraços, bocas...
onde acaba o eu e começa o tu... tudo em pernas
De tanto pensar em nós, chego a esquecer

75. Em fusão

gão, sem qualquer chance de culpar um terceiro.
antes de se transformar em deslento e decep-
tido como no primeiro amor, seguidos

74. Dra-matê-má-tico

ou revanchismos. Escancarados.
sempre estiveram, sem magoadas, ressentimentos
Fechada a questão, os afetos seguiam onde

Surpreendeu-se tempos depois.

Afastou-se de quem o queria bem, não apesar, mas também por seus defeitos, inclusive de si mesmo.

Abriu mão de ser quem era, iludido por um suposto amor.

73. Aberturas e fechamentos

Mal via a hora de volejar ao vento do desapego, tendo por norte o beijo não dado e o abraço do regresso.

Relevo em curvas, siluetas, sensuálida-des.

Marejado, apertou em uma ilha de sonhos e desejos.

Naufrágio de si mesmo, deixou-se levar pelas ondas do querer.

72. Coração a deriva

Agora sim, tudo faz sentido e o resto é
verso, reverso, transverso... meio perverso. E
dai, né?

Chega mais, abaixa a guarda, aqui perti-
nho, se encixa...

Na frequênciá, a quênciá, basa de som-
bras ou aparenças.

Solidão, soltude: sol e tu, nude.

71. Vem que tem

No máximo, o fim da linha que ninguém
escapou, ao menos não se tem notícias.
Morrer nunca foi castigo.

Ja nascer...

70. Crime & castigo

O lado bom é a lenitida da extinção; o
ruim, sua iminéncia.

Nem adianta questionar, o tempo desco-
nhece queixas.

O embarduqueimento dos pelos a trans-
muta-lo em panda e dai para ursa polar...

Logo passa, virá Lembrança...

Hoje está mais para tigre de bengala.

Já foi gato.

69. Gatomorose

O mundo que lute.

Gozar rimas

Cavalgar versos

A gente vai trepar poesia

Nossos entros comestíveis

Arregeaga em garggallahadas para demorar,
devorar, arvorar

Tua boca se segura, evitando o riso

Sinto um bem-querer no teu olhar como
jamas senti

Amo teu gozo em versos

68. Nossa

Que venha o tanto, que o resto a gente faz...

Nunca faremos tudo, mas tudo o que fizemos vale e muito.

Conexão e tanto faz.

Anseio te ver de perto pra confirmar o que enxergo a distância.

67. Tantofaz

Cabe aos condutores reconhecerem o momento de parar, antes que os pneus o flagam e da pilotagem.

Por que todo pneu se desgasta, esteja levemente calvo, completamente careca ou dilacerado.

Ali é mão na graxa, força na chave de boca e olho no macaco. Sem glamour, apenas nogão do quanto somos fracos ao negar nossos pontos fortes: instinto e empatia.

De nada adianta negar a hora de renovar para seguir adiante por outros caminhos. Negar o curso natural dos acontecimentos é procrastinar o imprecavível.

O desgaste é inerente a tudo e a todos, vida, "util" ou só vida...

Percligos, trepidações, pa-ra-le-le-pi-pe-dos. . .

Vale para pneus, assim como para a vida.

Ciclos, rodagem, quilometragem.

66. Lígoes dos pneumáticos

mente.

Simples e atordoadas

Nada haver, tudo a ver.

sobre viver.

para além de viver,

Sobre tudo,

O caso.

Que não vem ao caso,

Contingências ao caso.

Escolhas próprias alheias,

65. Sensa som

Ou liquidifica?

Nunca sei, mas tanto faz: essa Modernida-
de Líquida ainda me Líquida.

Ou absolverá?

Reconheço, sem culpa, mas cheio de gra-
ga: a História me absorverá!

Cada cabeca, uma sentença e em cada
sentença, variás injustiças.

64. Outra sentença

Quem pode, fode, quando não medra
sem mapa, salvagão ou perda.
Foge, se arrependendo por toda a eternidade,
...pela, pele, pode?

...bocas e beijos...

Marcações com dedos e palmas...

Vamos mapear nossos corpos.

63. Mapearmos

Me conta?

clar quem faz a conta, de quem faz de conta.
quem nega, mente... nem que seja para diferen-
A ordem dos fatores altera o produto,

ra, enterra.
Temor vazio, tremor, chão. Terror que aten-

ressa, fugindo do que faz sentido.
Nos deixamos atrair por aquilo que inter-

Detalhe. Figura e fundo. Perspectiva.

Aprender a apreender?

Resistir, reexistir...

Revelar, revelar.

62. Rir do verbo **rio**

Suspira, inspira, expira... ah, a poesia é **Q**as
tais poetas!

tos e os segundos foram ou serão...”
possível serem aqui e agora... as horas, os minutos
Brota, em tom blasé e enigmático: “im-

A resposta não vem logo, tarda, impacientemente, angústia. Mas não fala.
ta, angústia. Mas não fala.

guitar, que se distraí: “Que horas são?”
Ja pensaram, chegar à genialidade e per-

Difícil deve ser coabitá, conviver, omitir
brear com a face “objetiva”.

Le-lós, citá-lós, recomenda-lós.

Facil admirá-lós, amá-lós, bem querê-lós.

Mas sem poetas...

O que seria do mundo sem poesia? Não sei.

Poesia

61. Tudo tem limite... menos a

2 Um dos tantos alter egos de um tal Fernando Pessoa.
 Mengão à “quando virer a primavera”, CAFIRO, Alberro.
 Quando Virer a Primavera Pensador, Portugál, [2024], Disponível em: https://www.pensador.com/quando_virer_a_primavera/. Acesso em: 13 ago. 2024.

nos...
 berto Caeiro,² imaginem a poesia... imaginem
 Se a realidade não precisa seduzir de Al-

essencial é invisível não só aos olhos.
 ca do concreto, material e palpável, quando o
 Passam suas efemeras existências em bus-

presente etérea.
 Ainda assim, raras conseguem sentir sua

dor.
 semelhança do Criador: (sussurrando) é a Cri-

contrário de nós, não foi criada à imagem e à
Onipresente, onipotente, onisciente. Ao

assim, nos estreitos limites do próprio olhar.
que faz poesia. Quando muito a revela e, ainda
Não se deixem levar pela validade: nin-

Não obviada de simplicio faz terreno fértil.

Planos, sin perder la ternura, jamas. Nem o silen-
Poesia... livre a ponto de habitar qualquer
cio lhe escapa.

60. Ode à Poesia

V ou F?
xe enganar... sozinh@
E ta tudo bem, desde que ninguém se dei-
sentido.
em uma linguagem de triplio ou quadruplo
um ao outro,
atados,
Tão nós,

eu jijão que acredião.
ce jijage que me ama,
o amor é tão bonito,
então ta combinado,
Kleiton & Kleidir.

59. Corujante... ou seria cortante?

Para que tantos sinônimos complicados
para explicar algo tão simples, de 6 letras: p-o-
-e-s-i-a.

Sequência de Fibonacci, design criativo,
digital de Deus, $F_n = F_{n-1} + F_{n-2}$...

58. Sinônimo Fibonacci

Na colaboração não há vencidos.

A diferença é sutil: onde estão os felizardos,
dos, de um ou de ambos os lados?

Em qualquer jogo, seja colaborativo/re-creativo ou competitivo/profissional, sempre hâ-vencedores.

57. Capital & trabalho

Desapego, re-conhecimento, um simples mimos, bastando largar mão do velho e segurá-lo, largar-comum.

Com meios liz, clareiam um sem-número de outras formas de olhar, abandonando, a passos lentos, a fixação humana em tudo querer-exergar.

Frescos, sons, sentidos: que novo mundo deserta ao cair do sol?

Sob o perfume do luar, nada permanece igual.

56. A noite sentindo-se

Está microática (micro+cronica) e uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.¹

THE END

Alguém se levanta, caminha até um canto
qualquer, se acomoda longe dos holofotes, abre
sua bolsa, retiraando dela um livro. Se acomoda
e retoma a leitura de onde havia parado. Folheia
o exemplar com a mão esquerda, a mesma que
empunha um lápis usada também como marca-
-página. Atrás de sua nuca, a sombra de um
cachorro é visível, sentado, de costas, com a
cauda erguida. Ele permanece ali, quieto, por
mais de uma hora, sem se mexer, sem respirar.
Por fim, quando o anúncio termina, o cachorro
se levanta, estica os membros, e vai embora.
O anúncio termina, e o homem permanece ali
mais um pouco, sentado, com o livro aberto.
Depois, levanta-se, fecha o livro, e vai embora.

Se dizes.

§ Então valeu...

Alguns expectadores se levantam e dei-
xam a platéia.

Lâmpadas fluorescentes piscando.

Barulho de ar-condicionado.

Ruído das poltronas.

Tosse na platéia.

Mais silêncio.

Silêncio.

tan to faz.
ou "se virê nos 30", como preferir. Pra mim,
mas minha pauta já era. Deixe uma mensagem
1, 2, 3... 8. Temos ainda 25min de programa,
guntá já respondê, estê perdeu a funçâo, mas
\$ Uau! Que cult, minha gente! Essa per-

Aplausos longos e intensos.

§ Sim. Entendo... E quando você vai lá? —
gar seu primeiro livro? Certamente será sucesso
e acabará virando série ou filme da Netflix. Não
tendo divididas.

Aplausos descompassados.

Não. Nada disso. Meu maior medo é ester: escapar do álcool e de drogas ilícitas e acaba caindo nas garrafas e nas teias das redes. Ali nada é. Tudo mal e mal aparenta. Pessoas findings indo fnguir que fngem, cantando "o golpe fá ai, cal quem quer. Receio cari nesse vacuo para sempre, ate me esquecer de mim mesmo.

dia, como fazem blogueiros e influenciadores?
tar a dureza da realidade e driblar a grandeza
\$ Então são formas saudáveis de enfrentar-

se, beberia, fumaria, jogaria...
Escravo para dar vazão. Se não lesser e escravos-
mais do que o necessário, a meu ver. Enfim...
blico meus escravos. Pouca gente tem acesso,
Não. Sou timido e reservado. Nem pu-

“A” maiúsculo, ao público leitor?
lido, erguer sua voz, tornar-se esse Alguém, com
\$ Fantástico! Então voz escrave para ser

Uma coisaleva a outra que devolve a primeira
Quem gostaria de ler, acaba gostando de escraver.
força por afinalidade e por exclusão. Gosto de ler.
É algo que aconsegue, sem mais ou pior que. Uma
Ler e escravar não são escolhas simples.

Mais aplausos.

Meu nome é João. João da Silva. O “Al-
guém que Lé e Escreve” veio das pessoas que
me consideravam um ninguém na vida e é nas re-
des, por eu não me envolver em campanhas e
engajamentos em geral. Prefiro a vida ou, como
me acusam, de ser offline. Logo, essa pergunta
deveria ser dirigida a elas. Só sei essa parte.

§ Continua, por favor.

Aplausos e risos.

§ sincero! Gostei.

Boa noite. Não chega a ser um prazer
estar aqui, sinceramente, mas também está lon-
ge de ser um problema. Eu não conhecia o pro-
grama e você. Aceitei por educação, mesmo.

Já que ninguém aqui te conhece, muitos devi-
dando da tua própria existência, te apresentas,
começando pelo nome.

gádoo por acéitar o convíte para estar aquí. Não foi fácil para minha produgáo te contactar, pois não encontro rastros seus na Internet, enfin.

§ Boa noite. Primeiramente, muito obri-

platéia e se senta ao lado da apresentadora.

Convidado sobe ao palco, acena para a

mas, minha gente!

vozes: Algum que Lé e Escrava da Silva. Pal-
no TikTok, não viralizou coisa alguma. E com
lhos de seguidores nas redes sociais, não dança-
sou pelo BBB ou pela Fazenda, não posso mi-
-
§ e o nosso entrevistado de hoje não pas-

55. Bate-papo com Alguém que Lé e Escrava da Silva

Affirmo, parafraseando-o, em pura licença poética: Poetas não se aposentam ou morrem, apenas se eternizam. Vivem em um eterno pre-
sente incognitável e mais do que imperfeto.

Jorge Amado dizia: baiano não nasce, es-
trejal!

Poetas não morrem, sejam pelo fim da ati-
vidade cerebral, seja quando param de escrever
em vida.

Melhor exemplo de um paradoxo.

“Foi um grande poeta”.

54. Paradoxo poético

Absolutamente nada cobrindo a alma.

Estranhamente, cru em carne viva, nervo-
exposto, “nervoso”.

Independentemente da trama em si, ali estou
exposto, sem filtro ou proteção, nu e cru.

Do cochilo ao sono, do pesadelo à insô-
nia. Assim mesmo e sem roteiro.

Enredo de todo tipo, para múltiplos gostos.

Diálogo: essência cifrada, sofída, salafaria.

53. Errados excertos

Mas como ensina a sabedoria popular „em, em, em, cada um com seus dilemas“ ou quase isso. E eu, com os infinitos “problemas” que a leitura traz.

Não me angustia ter uma pilha de livros sem fim ou tempo limitado para me dedicar como gostaria à leitura. Sempre foi assim e parece não haver no horizonte perspectiva de mudança. Tudo ao imaginar como seria não te-lês, a pilha e o tempo... até parece título de romance.

Emendo Quijana e seu reconhecimento de que enquadrou a maior parte da humanidade teme o sono eterno, ele, autêntico como só, se apaixona com a possibilidade, ainda que remota, da insônia eterna.

a...

Uma utopia leva a outra e a mais outra e

que serve a utopia.

inspirada em Fernando Birri, a respeito de para
las com orgulho e lembro da lição de Galeno,
Respiro fundo, olho para a primeira de-

contrar para ler.

Outra utopia é a lista de livros para en-

etros por ler.

Utopia foi o nome que dei à pilha de li-

52. Problemas e leituras

tendores entenderão”.

testa, querendo transmitir a ideia de que “en-
dos e uma gota de suor escorrendo do cantão da
Emoção: carinha rindo com os olhos aperta-

Então, ta, então.

Jolego. Nunca fez muito sentido, pensado bem... cobri que não era uma pausa para recuperar o respiro ao lembrar do episódio em que des-Muitas vezes, paradoxalmente, perco a cansada).

a quem está de olhos sujos ou sofre de vista de unica superlita „ (virgula, avisando que a convicção ou apêndas sinal gráfico vidia e pouca reticente no comunicar, demonstrando ditos, três pontinhos para os seres humanos), Quem abusa das „ (reticências aos erudi-

nos prato o mais interessante. ao redor, examina rapidamente o que tem e põe curtos self-service ou buffet ortográfico: olha-se Com isso, acaba-se largando mão dos re-

gentes a esquecer para que serve a pontuação. São e „figurinhas“, prática que acaba levando muitas são e a tara em substituir palavras por emojis Outra coisa que me trouxe péssima impress-

Sorriu, não comento, mas sigo fazendo.

escutando, em tradução mental, “o jongo da vela”.

Denro da minha neanderthalidae, sigo

“Hashtags”. Acho chique, sofisticado e até elegante, mas ainda acompanhado de um leve sotaque yankee.

Pelo contrário, expõe meu lado mais privativo, ancestral e cringe.

Luto diariamente contra toda forma de preconceito e exclusão. Pauta essencial, para além da arena política, o que não me torna nem super, nem herói.

51. Apêndas para pontuar

Quem passou a rir foi ele.

Ri, digerí e respondi: tempo livre não existe para quem le, pedeueno gafranhotó, só tem- po lívro.

“Lembro quando comprei meu primeiro Reader e baxei um pacote com 10.000 livros. Agradeci por acabarem com aquela terceira para o resto da minha vida.”

Entre um livro e outro, papel ou byte, trocas de ideias com amigos. Um deles confessou:

50. Tempo livre

Deixo que tenha amor pelas propriedades per-
guntas, como quartos fechados e como livros es-
critos em uma língua estrangeira. Não investigue
agora as respostas que não lhe podem ser dadas,
porque não poderá ter-las. E é disto que tra-
ta, de viver tudo. Viva agora as perguntas. Talvez
passe, gradatiamente, em um belo dia, sem per-
ceber, a outra as respostas (Rilke, 2010, p. 21).

Nada poético, mas pura poesia...
Assumo.
Têm no Kindle e, ainda por cima, um limita-
do, trocando em mídias, grátis e pra já.
Devo que tenha amor pelas propriedades per-

Pragmatismo, utilitarismo e imediatismo.
 E agora????
 de exemplos disponíveis?
 gão de ter a editora fechado, sem qualquer pista
 E se dadii a uma semana, virá a informa-
 What'sApp?
 Conseguiu buscar logo que avisado pelo
 mo? — manter-se-á?
 Até lá, a pulsação — ou seria impulsivo, mes-
 Fica quanto?
 Se tiver que encorendar, demora?
 Ligo anotes ou vou na cara e na coragem?
 Internet ou livraria?
 Será que tem novo?
 Pensando um pouco, poesia, querido!
 Rilke? Não conheço. Talvez queira ler...

49. Ler ou não ler, éis a questão

A zona mais erógena do corpo está entre
 as orelhas, não entre as pernas.

48. Zona erógena

Gracas a Deus!

80.

Nao se fazem mais 3 em 1 como nos anos

cega na garantia de fabrica? Entao...
pau e só o que estava salvo na nuvem era sua fe
bre-se da ultima vez em que o smartphone deu
não usara todos seus recursos com vocé? Lem-
-Afinal, quem garante que o multifuncio-

mim.
renicia a não serem uma única pessoa. Vai por
Fique com cada um ou uma e de prefer-

o "ou" pelo "e".
tr, gozar ou refletir, não temha duvidas: troque
Se tiver que escolher algum que te faga

47. 3 em 1

#livrossalvamvidas

toro que possa ser. mais do que qualquer papo, por mais reto ou faga sol, tem um livro para indicar e que vale sempre, em toda e qualquer situação, faga chuva aliheia, atende o telefone quando tem vontade e irmao que a vida lhe trouxe, não se mete na vida Ja amigo de verdade, brother, parceirão, o

quando o copo esvazia, enche sem pedir mos. Bom amigo é aquela que te escuta e,

precisa. Amigo é aquela que te escuta quando se

46. *The good, the bad and the ugly*

Tudo esclarecido, uma suruba zodíaca!

Unico efeito colateral: a conta a pagar se nada sair dos trilhos: geminianos.

Tsc, tsc, tsc. Nada disso, inocente. A princípio... cheiros, frescos e o desabrochar.

Duas cenas, uma única história, outra seria possível? Desdobramento? Clonagem ou bruxaria?

A distância é relativa, proxima, confere segurança. Relaxam. Riem de sorriem. Falete. Fodem on-line. Criam até uma playlist. Fofura.

Olho no olho. Respirações ofegantes, des-compassadas. Mais a postos, locais confortáveis. Tudo encaminhado. Nada de logo, meras fáscias.

45. Hein? contra

Caos e acaos são as desculpas que damos a ordens allem da nossa compreensão, especialmente mente quem ouviu "A raposa e as uvas" quando meia noite chega.

44. Acaos

alma, dureñica, sabe...
 durer, se durer, sem durer, assim mesmo, com
 Sô quem já as teve, por um segundo se-

sem musas a lhes inspirar?
 De que valem versos, canções e poemas

43. Musas

so que sem romance e de que épocas!
 São apenas títulos de romances de época,
 Calma! Não é o que parece.

Nossa bandeira jamais sera
 Não gostou? Vai para ****
 Distopia e o caralho.
 A morte do pudor.

42. Títulos

Pois é, bem ou mal, sendo.

gôes e gargarilhando das metrícias.
Paradoxalmente possível, desafia explicar-

calmarias.

Ancoragem em pleno mar, turbilhão de

Se. Reticente. Incondicional.

segurar.

Querença ilógica: se quer, sem querer,

de... inspira.

Enigma que acontece, transpira ameaçida-

Eterea presença em desafio acolhedor.

Como se o antes não existisse.

41. **Sendo**

Enhlm, sem hm, assim, sim.

De tanto, quanto, até quando?

pure ouro.

Saudade que aperta, idílio em memória,

Exílio de mim, longe de ti, de nós.

39. Exílio

como o esforço pode ser, literalmente, em vão.
Gostaria: eclipse da regra pela exceção ou

38. Quase

Solidariedade
Pela

Soluções
Busca

Soluções
Aos

Solidão
Em

Solido
Qual

Sola
Com

Sol
Ao

Só
Tão

37. Só

Saudade dos presentes de grego: carne de
pescoço, deboccha a etimologia („isthmos”).

Racismo, machismo, nazifascismo: abismos, istmos.

36. Is (t) mos

Fora do binário, tudo é infinito. Aí o pappo começa a ficar sério.

Entre o sim e o não, o agora e o depois, a espera e o momento não há divisas, mas al-
ternativas.

35. Outros 500

bilhão de sentimentos. Como aborda-lo? Talvez fosse melhor buscar ajuda externa. Filho não nasce com manual. Difícil entender. Como? Em pleno seculo XXI, “Dom Quixote”, de Segunda mão, quem sabe de terceira ou até quarta... re- pleto de grifos e anotações passava de qualidade... limite... .

contramos. Fechamos a porta. Silêncio. Um tur-
Guardamos tudo exatamente como en-

mundo sabe. Por que?
djem? Experimenta-se uma vez e já era. Todo
do que estranha. Onde teria conseguido? Com
to. Como não desconfiamos? A cor era mais
Desalento. O cheiro mau seava. Pesteava o quar-
Choramos abragados. Nehuma palavra.

Desgostos sobre desgostos!
Não. Nada foi suficiente. Afronta. Pura desfeta.
tronicas, brinquedos, celulares, computadores.
Sempre teve do bom e do melhor. Babas ele-
lho, justo ele. Tanto amor, cuidado e atenção.
Abrimos. Lembrava um pacto. Nossa fi-

nho. Algo embuhado.
Nao era possível! Antes de encerradas as bus-
cas, percebemos sob a cama um volume estra-
sa. Nada atípico ou que nos chamassem a atenção.
até seu quarto. Fizemos uma verificação devas-
Tão logo ele saiu para a escola, subimos

cripulos! definhasse sem fazer nada? As faves com os es-va. Que tipo de pais permitiam que um filho quebra de confança, mas não havia alternati-Mas de hoje não passava. Pode até ser

Temiamos pelo pior. Na tentativa de estabelecer algum tipo de comunicação, diálogos em meio às refégoes. Pa-recia desastento, meio aéreo. Absorvi, ensimes-mado. Nada parecia adiانتar. Monossílabos arrancados a forçaps. Olhos levemente vermelhos.

o WhatsApp ou postava no Facebook. De um tempo pra cá, havia algo mais. Pouco saía do quarto. Dormia tarde, acordava cedo. Mal tocava no celular e há dias não usava ced. Na tentativa de estabelecer algum tipo de comunicação, diálogos em meio às refégoes. Pa-recia desastento, meio aéreo. Absorvi, ensimes-mado. Nada parecia adiانتar. Monossílabos arrancados a forçaps. Olhos levemente vermelhos.

gumendar. Só tem ouvidos para os amigos. mente suscettíveis. Nesta fase, nem adianta ar-Infuências. Adolescentes são extremas-

34. Filhos

com reflexões e (m) versos.
 Em tempos de reflexos e versões, fico
 Ambos e nenhum...
 negação da extermalidade?
 Sem sentido: paradoxo do significado ou
 ga pela divergência entre desejo e ação?
 ironia: figura de linguagem ou insegurança-
 empregado com intenção de "ao encontro de"?
 "De encontro a": erro ou ato-falso quando
 de ir ao sentido contrário?
 Fugir: eu mesmo ou desejo inconsciente

33. Sem título

livros por ler e que só faz crescer.
 Nunca mais me incomodei com a pilha de

sem regula.
 cangavel, serve para nos fazer seguir adiante,
 Galéano ensinou que a Utopia, por final-

32. Utopia

Não se deixem enganar pela camuflagem.

Estamos vivos, coloridos e prestes a revolar.

tos em chinás.

Ao contrário da Fénix, só parecemos mor-

Aguardem!

pacote completo.

que pode, nada se cobra, seja peste, besta ou o
Com quem, não apena quem pode, mas sabe

poder.

Temosia, na dose certa, é brio, virtude e

antes não acabe com a gente.
A tempestade um dia acaba, desde que

não chorar.

Perder o ar de tanto rir, não mais rir para

Vamos transbordar, viver, gargalhar...

e do só isso.

Chega de menos do que pouco, do aquém

sister.

Basta de desesperar, desencaçantar ou de-

31. Plot twist

tempos de pandemia, pode ser pelo zoom.

dish cai melhor. Tente ver pelo lado positivo: em

— Sim. Só que no lugar do tangão, um ka-

deirão?

— Sério? Como Pneumotrax do Baa-

30. A Deus

Mel sim to esgotad

29. Exhaust

Mlix, puro contexto.

Relações, afetos, trocas.

em telas. Talvez, seduzir em texto.

Sentimentos, experiências... não cabem

significar: o amor talil desconhece limites.
Re-conhecer, re-encontrar, re-visitar, re-

reniciar. Quase devoga-
rio, de acordo com o calendário, secular na apa-
rio, Desvelo aosegurar o exemplo tridente-

Acalanto.
quase esquecidas, de umaedição em frangalhos.
Ah... amaciéz das Páginas amareladas,

28. LiVrs

Mas opera milagres, evitando o pior.
Tudo tem limite.
Não resolve os problemas.
E, ainda, mantenha uma distância saudável.
Acerte.
Nem tente entender.
Não julgue.
gulha.
A superfície é o fundo de quem não mer-

27. Escampeísmo

Vidas ergométricas, sem marca ou passo.
 Relógio de sombra, GPS sem posição.
 Vácuo: espaço-tempo.
 Moto: contínuo-estático.
 Queda: livre-inerte.

26. Pande nuesta

e definir quem serve a quem.
 O desafio está em modular as freqüências
 As mesmas tias que enroscam, conectam.

25. Web

mal, seduzer suficiente, para viver em lettras...?
 Alguém ignora jamais haver tempo de-
 fêmismos.
 Falta de tempo para ler, o maior dos eu-

24. Em tempo

Entre-linhas e versões,
Com-verso sob (re) métricas irrisórias.
Rima rica, rima pobre... cada qual com
seus prazeres.
Nelson Rodrigues já respondeu o que se-
ria do azul se todos gostassem do azul, ainda
que a pergunta não tenha sido exatamente essa.
Feliz-mente, há quem do horizonte se-pa-
ra-a-pensar.
Mas pra que tudo isso, hein? Esta ficando
perigoso. Aviada@ss.

Entre-mentes e sementes, há que tenta
em um repente, tão prememente e não ressentir
por ausente.

23. Joguetes

coroa pela vida: a banalização do mal é a sombra
 A pandemia desmascara o desprezo da
 O vírus como detalhe, quase expectador.
 Peste, contaminação, morte.
 sempre à espreita.

22. **Coroa, o vírus**

gera interação?
 Há ganho em ter agão, se tal possa não
 meio termo à maioria.
 Entre ter e ser, enteter-se parece um

21. **Aforismos ou cacofonias?**

livre-me, livre-se, livre-nos: não importa
 promove ou capa ate o dia em que todosas pos-
 sam ser livros!

20. **Livrai-nos: o antíverso**

das depois nas labaredas da internet?
Prenúncio do que viríamos a viver deca-

relações.
Poucos foram tão certeiros em matéria de

“O inferno são os outros”, sentençou Sar-
tre “entre quatre parades”.

19. Sartre ponta com

“Me conta...”
“Quem no final paga a conta?”
conta.
Enquanto uns dão conta, outros fazem de

18. Conta

si e para si.
As verdadeiras conexões são internas, em

transhos e enraizam-se à história.
Tem tempo próprio, afina-se a meios es-

cídade, refutam bandas largas, não vomam pelo ar.
As conexões mais avançadas ignoram velo-

17. Connect-em-si

Poesia é olhar em transformação: fecunda
idéia, desenvolve texto, nascedo em Leitura, re-
petidas vezes sem fim.

16. Metamorfose

O que seria do protagonista sem a imola-
ção do ar e da lenha?

Quem se inebria com o fogo, raramente
se da conta de estar diante de um trabalho em
equipe.

15. Pirôsófia

Pergunte-se como.

Não perca tempo!

que está mais perto do que você imagina?

Pessoas sem a qual não é possível viver e
ideal?

Alma gêmea, cara metade, companhia

Quer conhecêr algum incrível?

ENCONTRO AMOROSO

pensa exemplar.

Informações, contatar as editoras. Recom-

ximo a bandas nem tão largas do YouTube.

último, se dirigindo em direção à internet, pro-

segundo relatos, teria sido avisado, por

por muito pouco, nem lembrado.

das obras em que viva, não sendo mais visto e,

Há algum tempo, leitor contumaz sumiu

DESPARCEIMENTO

Interessados/as saibem onde procurar...

por instantes diminutos de poesia.

Trocaram-se horas ilimitadas de internet

OPORTUNIDADE IMPERDÍVEL

14. Reclassificações

gum luggar.

acredite não os ter, estão sempre aqui, em al-

Expectativas e rotaduras: por mais que se

13. Expectativas e rotaduras

preferências?

A beleza está nas imperfeições ou "in"

12. Beleza em

mais livre.

Quem diz o contrário apenas mente, ja-

Não há clausura para a mente livre.

11. Mente livre

sua sensuallidade.

tonas terminadas em ditongos crescentes” tem lá
Quando há tesão em simonia, ate “paroxi-

Delícias, propícias, denúncias.

Carícias, lascivias, minúcias.

10. Gramática sensual

Ou seria “i-só-lamento”?

seu ruído, em direção ao veredadeiro isolamento.
Logo a quarentena passa e a live segue

toc, tem algumem?

Live(r)e de quem, para quem... toc, toc,

medo de viver aqui dentro?

Live pra cá, live pra lá. Por que tanto

9. Live(r)e

Nós a sos e nos-sos nós.

8. Nós a sos

cer da humanidade.

No meu canto, calado, sonho com o renas-

puidade.

outros maduimam, a passos largos, a im-

pidade,

Enquanto uns buscam, sem tréguia, a imu-

7. Virus da indiferença

ou de versões.

rença em meio a uma pandemia global, de virus

Saber o lhar, ouvir e esperar faz toda dife-

ver o infinito.

Naó se preparar para o desafio é tão ruim

quanto perder tempo em tentativas vãs de pre-

siédede? to o ampliaimos pelas lentes do medo e da ansiedade? Quão grande é o inimigo, de fato, e quan-

6. Cada qual

“pôs-verdade”. Minha! já vi, sim. Atende pelo nome de

há intimidade. Nunca vi maior quimeria. Ou há excesso, ou de”. Vejam a expressão “excesso de intimidade”.

A comêgar pelo próprio nome. Por honestidão e franqueza, devoram se chamar “euclitídeos” ou algo parecido.

Não conho em eufemismos, essas misturadas de polidez com dissimulação.

5. Eufemismo intimo

de poesia.

Pra mim, não chega a tanto, um lampião
 E essa estranha cacofonia?
 O que impõrta mesmo é a viagem.
 Mais tanto faz a bagagem.

de cor!
 sem colla,
 de coragem,
 sessões
 como
 agem
 já sessões de cor
 marte.
 a
 e
 Amar

4. Então

pela frente.

E lá estamos, novamente, "com-texto"

Simples... mente... assim...

Mas para quem navega com ou pelas páginas, qualquer flagrante de tinta ou tecido. ou escrita, independente de tinta ou tecido. Javars, pensamento

Por isso que o aumento se diferencia saber? unico verbo? Refletir, reflexo, reflexão... como tanto da forma simples, mesmo hereditários de um

Escriver sem refletir é fácil, já refletir sem pensar, só sendo espehro ou músculo.

Por, só a estiagem de ideias.

Sem texto não há como se acostumar.

3. Texto

Re-existir. Para. Sobre, viver.
 Resistir para sobreviver.
 vizinhos.
 Em costumes, da casa longe, os olhos de
 zinhos.
 Incômodos da casa, longe dos olhos de vi-
 nos: nos dois.

2. Mero detalhe

Real e teso pelo tempo que existimos em
 nis: nis dois.

Infinito? Duradouro?

neia de corpos, sexos, quereres e fetiches.
 siças de atrito escrito, infernal e carnal. Miseria-
 f-
 Esfrega, com fúsal em confusas rimas fi-

beba, babo... mais, mais e mais!
 bragos... nas entrelinhas do meu ser. Engasgo,
 Me tria da linha, sugando mágos, punhos,

sover saos goles, goffadas sem controle.
muito mais. Gota a gota ou em ondas, tsunami a
Erotico, pornográfico, tanto, tântrico e

monia, ritmo.
Labios, pontos, arrepios, encaxas. Metrica, har-
Versos ejaculados em estrofes orgâsticas,

ro a tentativa de te ler.
Captura a presa, sem presa, em farsantes
reticências... que suspendem em meio ao suspi-

ba minha atenção.
A textura da pele em texto, contexto, rou-

deniro, forra, além.
O saber das carnes por todos os lados,

morta.
Teu cheiro, em cada canto, silaba ou me-

I. Poe-sia



Reflexões registradas entre março/2020 e setembro/2022, em meio à pandemia, covid-19, fake news, isolamento, grupos de WhatsApp etc.

73. Aberturas e fechamentos	69
74. Drama-matérico	70
75. Em fúساو	70
76. Drummond que me perdoe	71
77. E	72
78. Segredo	72
79. Agora vali	73
80. Sen-ti	73
81. Tem... po?	74
82. Imaginem	75
83. Pretendo não só o olho da gataada	76
84. Sem pê nem	77
85. Imersa mente	77
86. Hein, leva a dor?	78
87. Levador	79
88. Emersa mente	79
89. O homem, o bebado e o faminto	80
90. Verbo	81
91. Céu teto	81
92. Ah... brago	81
93. Andar	82
94. Dizer adéus	83
95. Tempos e tempos	84
96. Esta São?	84
97. Alfaias	85
98. Liberta ação	85

49. Ler ou não ler, éis a questões	44
50. Tempo livre	45
51. Apênas para pontuar	46
52. Problemas e letituras	48
53. Errados excertos	49
54. Paradoxo poético	50
55. Bate-papo com Alguém que Lê e Escreve da Silva	51
56. A noite sendo-se	57
57. Capital & trabalho	57
58. Simónimo Fibonacci	58
59. Cortejante, ou seria cortante?	58
60. Ode à Poesia	59
61. Tudo tem limite... menos a Poesia	61
62. Rir do verbo rio	62
63. Mapearmos	63
64. Outra sentença	63
65. Sensa som	64
66. Lígões dos pneumáticos	64
67. Gatomorfose	67
68. Noso	69
69. Crime & castigo	69
70. Vem que tem	69
71. Coração à deriva	69

24. Em tempo	28
25. Web	28
26. Pande nuesta	28
27. Escampeísmo	29
28. Livers	29
29. Exhaust	30
30. A Deus	30
31. Plot twist	30
32. Utopia	32
33. Sem titulo	32
34. Filhos	33
35. Outros 500	35
36. Is (t) mos	35
37. S6	36
38. Quase	37
39. Exilios	37
40. Leia	38
41. Sendo	39
42. Titulos	40
43. Mússas	40
44. Acaso	41
45. Hein? contra	41
46. The good, the bad and the ugly	42
47. 3 em 1	43
48. Zona erógena	44

Sumário

1. Pôe-sia	15
2. Mero detalhe.....	16
3. Texto	17
4. Enredo	18
5. Eulogismo íntimo	19
6. Cada qual	19
7. Virus da indiferença	20
8. Nós a sós	20
9. Liv(r)e	21
10. Gramática sensual	21
11. Menre livre	22
12. Beleza em	22
13. Expectativas e sotaquês	22
14. Reclasseficações	22
15. Pirosofia.....	24
16. Metamorfose	24
17. Conect-em-si	24
18. Conta	25
19. Sarte ponto com	25
20. Livrai-nos: o antíverso	26
21. Afórismos ou cacofonias?	26
22. Coroa, o vírus.....	26
23. Joguetes	27



Maria.

das águas. Mergulhe fundo.
para uma viagem que vai além da superfície
as páginas seguintes desse livro e prepare-se
para receber. Navegue em *Pandemic*. Abra
o vóce fazer suas próprias descobertas e
queria falar de cada poema. Mas dei-
da alegria, da esperança e da determinação.
plexidade da existência e a encontrar a luz
Oscar, somos convidados a explorar a com-
em tempos de crise. Attraves das palavras de
fundas sobre o softimento e a força humana
emocional e intelectual, uma reflexão pro-
Pandemic e, portanto, uma jornada
surdas - não fasse a realidade latente em
cada uma delas.

Os poemas refletem uma visão crítica e ironica do mundo moderno, enquanto exploram a profundidade da experiência humana e da arte de forma original e inusitada, absurda (sim! Absurdo...) dos trocadilhos e metáforas que, num primeiro momento, até parecem ab-
história mundial: a pandemia.

reza Penetrante. Em *Pandemicas*, encontramos um mosaico de reflexões e observações que re-velam a complexidade da vida e da linguagem, apresentadas através de uma lente única e frê-quente mente provocadora.

Como falar de um amigo querido sem emocionar, sem citar as risadas e as lágrimas enquanto lia sua alma desenhada e tatuada nestes pergaminhos do tempo? E que tema. Po. Refiro-me à Pandemia da Covid-19 que trouxe uma realidade impensável, um conto moderno que, apesar de parecer invrossível, deixou uma marca indelevel em todos mil, incluindo Oscar. Mesmo diante das adversidades, da dor, da solidão e do medo, Oscar demonstra, nas linhas de *Pandemics*, uma alegria (na inabalável e uma vontade firme de lutar e lencia e do caos, sua escrita emerge como quanto contemporânea. No meio da turbulência, é sincera, desafando convencional, explorando as nuances da condição humana com uma ironia mordaz e uma claque.

APRESENTAÇÃO





PANDEMICS

2024
Amoleras
EDITION

Oscar Krost



prosa & verso